

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO DOS PESCADORES NA PRAIA DO CARMO,
OLINDA-PE**

Conceição de Maria Barbosa Guimarães

Recife,
Março, 2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO DOS PESCADORES NA PRAIA DO CARMO,
OLINDA-PE**

Conceição de Maria Barbosa Guimarães

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) como requisito parcial para obtenção do grau de mestre pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Lopes Nogueira.

Recife,
Março, 2005

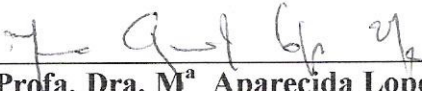
CONCEIÇÃO DE MARIA BARBOSA GUIMARÃES

UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO DOS PESCADORES NA PRAIA DO CARMO,
OLINDA/PE


Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em
Antropologia como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Aprovado em 01 de março de 2005


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Mª Aparecida Lopes Nogueira (UFPE) - Orientadora



Profa. Dra. Simone Carneiro Maldonado (UFPB) M. Titular Externo



Profa. Dra. Josefa Salete Barbosa Cavalcanti (UFPE) M. Titular Interno

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esta caminhada, sempre passando energias positivas e palavras de apoio e conforto.

Em especial a minha mãe Viviane, que sempre esteve ao meu lado, nos bons e maus momentos e que sempre zelou pela minha educação.

À uma amiga muito especial, Elisabete Barreto, aquela com a qual pude e posso contar em todas as horas; que sempre esteve junto a mim no decorrer deste caminho.

Ao meu irmão Júnior, que me doou um rim e a oportunidade de uma nova vida.

Às minhas irmãs Andresa, Mariana e Nazaré, pelos momentos de descontração, quando conversávamos sobre o trabalho.

À todos aqueles que participaram de nossas reuniões de orientação com a professora Cida, em especial a Socorro, pelas opiniões sempre em boa hora.

À uma professora, orientadora e amiga Dora Ferraz, com quem o estudo sobre os pescadores começou, pessoa singular que marcou meus passos na graduação do curso de Ciências Sociais e participou de forma especial de minha pré-banca, orientadora de todas as horas, meus sinceros agradecimentos.

E é claro que este agradecimento não poderia faltar, a também professora, amiga e orientadora Cida Nogueira, sem a qual não teria conseguido fazer esta dissertação, sempre nos confortando com palavras de carinho e confiança. Uma pessoa inigualável, que nos proporciona momentos maravilhosos na Academia e ensinamentos para a vida.

Agradeço pela bolsa/Capes recebida através do programa (PPGA), o que me proporcionou dedicação exclusiva ao estudo.

E aqueles que proporcionaram a realização deste estudo, os pescadores do Carmo, meus agradecimentos à seu Saci, Zito, Tonho, Pedro, Cleodon, Clayton, Ricardo...

Agradeço e abraço a todos pela paciência, tolerância, carinho e amor, sentimentos que sempre me fortaleceram durante a caminhada.

RESUMO

O estudo apresenta uma discussão sobre o espaço social da pesca, compreendendo os pescadores enquanto leitores e criadores deste, que é social, natural, cultural, dinâmico, imaginário e real, espaço de compartilhamento. A dissertação teve como guia dois pontos fundamentais, os quais são responsáveis pela criação e reprodução deste espaço: um saber tradicional, o saber de pescador e uma característica latente no sentir-se pescador, que é a presença do sentimento de liberdade, de sentir-se liberto, “*vou para maré quando quero, sou livre, liberto*”(Seu Saci, Pescador).

Através da observação participante, de entrevistas estruturadas e de conversas informais fui coletando os dados que me proporcionaram este estudo. No capítulo I *Uma descrição da Pesca*, apresento como se evidencia a pesca em Pernambuco e, mais especificamente, no bairro do Carmo, município de Olinda (Região Metropolitana de Recife-PE); no capítulo seguinte *Construindo a Identidade de Pescador*, discuto a identidade destes pescadores, construída a partir de letras de canções e de um poema, que enfatizam a noção de liberdade; no capítulo III *O Espaço do Pescador*, procuro mostrar a vida, o trabalho, a produção e as imagens que envolvem o espaço social da pesca; no capítulo IV *A Festa de São Pedro*, trago a festa, a religiosidade e as crenças destes pescadores com a descrição da festa de São Pedro, a sua tradição e significado.

ABSTRACT

The study presents a discussion on the social space of fishing, considering fishermen as readers and creators of this space of sharing, which is social, natural, cultural, dynamic, imaginary and real. The dissertation has two fundamental guiding points, which are responsible for the creation and replication of this space: a traditional knowledge, the fisherman knowledge and a latent characteristic of the feeling of being a fisherman, the presence of the feeling of freedom, to feel released, “I go to the tides when I want, I’m free, released” (Saci, fisherman).

Through the observation participant, structured interviews and informal conversations, I went on collecting the data that allowed me to carry out this study. In the first chapter, *A description about Fishing*, I show how fishing comes about in Pernambuco and, specifically, in the district of Carmo, in the town of Olinda (Metropolitan Area of Recife-PE); in the next chapter *Building the Identity of Fisherman*, I discuss the identity of these fishermen, built starting from letters of songs and of a poem that emphasizing the notion of freedom; in chapter III *The Space of the Fisherman*, I try to show the life, the work, the production and the images that involve the social space of fishing; in chapter IV *The Feast of Saint Peter*, I bring in the feast, the religiousness and the beliefs of these fishermen by describing the feast of Saint Peter, its tradition and meaning.

SUMÁRIO

Apresentação	08
Capítulo I – Uma descrição da Pesca	15
1.1 – A Pesca em Pernambuco	
1.2 - A Pesca em Olinda	
1.3 - A Pesca no Carmo	
1.4 - Um espaço vazio?	
Capítulo II – Construindo a Identidade de Pescador	38
2.1 – O Pescador pelo Pescador	
2.2 – O Pescador, <i>Filho do Vento</i>	
2.3 – As Imagens do Espaço da Pesca	
Capítulo III – O Espaço do Pescador	54
3.1 – O Espaço da Pesca	
3.2 – O Saber de Pescador: Natureza e Cultura	
3.3 – A lógica do Espaço da Pesca	
Capítulo IV – A Festa de São Pedro	61
4.1 – Pesca Milagrosa	
4.2 – A Festa, um ritual que se repete desde 1937	
4.3 - Tradição e Modernidade	
Considerações Finais	71
Referências Bibliográficas	75
Glossário	80
Anexos	85

APRESENTAÇÃO

O estudo que apresento diz respeito a uma população de pescadores tradicionais, possuidores de um saber singular, e de uma identidade livre, *libertos*, assim se denominam, que tiram seu sustento desta prática tradicional. Busco nesta dissertação apresentar-lhes o espaço em que estes pescadores se reproduzem, um espaço que é material, imaginário, espaço de construção de uma prática tradicional, a pesca, que se reproduz com força, satisfação e coragem através destes pescadores do mar.

As possibilidades de navegar por este mar de tradição são inúmeras, contudo, proponho uma abordagem guiada pelo imbricamento entre os itinerários empírico-lógico-racional e mítico-mágico-simbólico (MORIN, s/d), ou seja, uma metodologia apoiada no Pensamento Complexo e operacionalizada em entrevistas estruturadas, observações e conversas informais de modo a encontrar e compreender, olhar, ler, ouvir, pessoas que não só pescam e vendem peixes, mas sentem, interagem, agem e reagem diante das adversidades e permanecem criadoras de um espaço social da pesca.

É neste sentido que o texto apresenta uma discussão sobre o espaço social da pesca, compreendendo os pescadores enquanto leitores e criadores deste, que é social, natural, cultural, dinâmico, imaginário e real, espaço de compartilhamento. A dissertação teve como guia dois pontos fundamentais, os quais são responsáveis pela criação e reprodução deste espaço: um saber tradicional, o saber de pescador e uma característica latente no sentir-se pescador, que é a presença do sentimento de liberdade, de sentir-se liberto, “*vou para maré quando quero, sou livre, liberto*”(Seu Saci, Pescador).

Através das estratégias de campo fui coletando os dados que me proporcionaram este estudo. No capítulo I *Uma descrição sobre a Pesca*, apresento como se evidencia a pesca em Pernambuco e, mais especificamente, no bairro do Carmo, município de Olinda (Região

Metropolitana de Recife-PE); no capítulo seguinte *Construindo a Identidade de Pescador*, discuto a identidade destes pescadores, construída a partir de letras de canções e de um poema, enfatizando a noção de liberdade; no capítulo III *O Espaço do Pescador*, procuro mostrar a vida, o trabalho, a produção e as imagens que envolvem o espaço social da pesca; no capítulo IV *A Festa de São Pedro*, trago a festa, a religiosidade, as crenças destes pescadores com a descrição da festa de São Pedro, a sua tradição e significado.

O primeiro capítulo é pertinente para o leitor poder ter uma idéia do campo pesquisado e comprovar dados oficiais sobre o mesmo. Assim como informa os dados coletados em campo nas entrevistas, observação participante e conversas informais, enfim o que falou o campo.

Traço um quadro da pesca no litoral Pernambucano, Olindense e, mais especificamente, do Carmo, local do trabalho de campo.

No segundo capítulo através da letra de um *Coco-Tumbada*, e de outras letras de canções e de um poema, discuto a identidade do pescador, ressaltando o sentimento de liberdade, que é essencial na reprodução desta população.

No terceiro capítulo, busco apresentar como é construído este espaço pelos pescadores, e como se dão as relações neste mundo da pesca e sua inserção no mercado. Também reflito sobre a produção, as práticas tradicionais e o saber que é construído neste espaço que sendo simultaneamente natural e cultural permite que os pescadores sejam criadores e leitores do tempo e do espaço da terra e do mar.

Na capítulo IV trago um momento em que vemos a tradição presente e a reprodução de um ritual que ocorre desde 1937, ou seja, descrevo a Festa de São Pedro que ocorre anualmente no Carmo.

Assim mostro que estão lá, se reproduzindo num cenário que se redefine a todo instante.

A Metodologia

O trabalho de campo envolveu a observação participante que desdobrou nas entrevistas estruturadas de seis pescadores, mais antigos¹, de um pescador recém iniciado na pesca, um pescador mirim de 12 anos, que pesca todos os dias com um amigo de seu pai², de um filho de pescador, que se auto-identifica como pescador, mas que não vive desta atividade e do encarregado da colônia Z-04.

Utilizei também na dissertação, o recurso da fotografia a fim de que o espaço pudesse ser melhor caracterizado, sendo assim todas as fotos apresentadas foram tiradas pela autora durante trabalho de campo.

Também conversei com alguns transeuntes da praia, pessoas que pescam por diversão, outros para complementar a alimentação. Também abordei os vendedores de camarão da área que não são pescadores.

A proposta era identificar as pessoas que circulam por este espaço e qual o objetivo de cada uma delas no que se refere a pesca, e sua relação com os pescadores, haveria alguma ligação entre eles ?

Além das entrevistas, observações e conversas já citadas, reporteime a dados obtidos em institutos como IBAMA e CPRH³, referências bibliográficas e dados de trabalhos de campo realizados em outras áreas como a pesquisa anteriormente desenvolvida em Tamandaré, litoral sul de Pernambuco, suporte de minha monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais (2001).⁴

Conversei também com pescadores da colônia de Itamaracá, litoral norte de Pernambuco, sobre armadilhas e como a pesca se dava naquela área, com intenção de complementar e aumentar o leque de informações sobre a pesca em Pernambuco.

¹ Pescadores com mais de 20 anos de pescaria.

² Poderíamos dizer que ele é um aprendiz de pescador, bastante disciplinado e já conhecedor de particularidades deste universo.

³ IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e CPRH - Companhia Pernambuco de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

⁴ GUIMARÃES, Conceição de Maria Barbosa. Pesca e Turismo em Tamandaré: uma disputa por espaços. Recife 2001

As pesquisas e informações obtidas em campo tanto em Olinda, como em Itamaracá e Tamandaré, foram de grande importância para o cruzamento de alguns dados que se referem ao Nordeste e a Pernambuco mais especificamente, pois já havia obtido dados sobre a pesca no norte, no centro e no sul do estado. As características e o modo como a pesca é realizada em cada local puderam ser comparados, me permitindo traçar um parâmetro mais próximo da realidade da pesca em Pernambuco, o que foi de grande ajuda na elaboração de reflexões sobre minha pesquisa no Carmo.

O período da pesquisa de campo na praia do Carmo: colônia e arredores, locais onde pudesse encontrar pescadores ou informações sobre os mesmos, teve início em outubro de 2003, com o primeiro contato, depois retornei em dezembro do mesmo ano. A pesquisa se intensificou nos meses de março, abril e maio de 2004, com idas mais freqüentes, em distintos horários. Voltei a campo no mês de junho com o objetivo de acompanhar a Festa de São Pedro, que ocorreu no dia 29 de junho deste ano. Posteriormente as idas foram esporádicas, para comprar peixe, conversar e para acompanhar a dinâmica atual deste espaço.

Ressalto que as idas mais recentes ajudaram a atualizar alguns dados, como a quantidade de barcos que hoje já não é mais de 7, e sim de 9, dois a mais do que havia sido registrado anteriormente.

Isto nos dá um pouco a dimensão da dinâmica do espaço social, e um alerta para que busquemos sempre mais do que dados quantitativos das realidades estudadas, devemos também estar em busca de significados, de valores, da dimensão invisível e imaginária dos espaços que estudamos.

A análise dos dados do campo pesquisado me levaram a ter como pontos de referência, na construção deste espaço social da pesca, duas temáticas, a de uma identidade fundada num sentimento de liberdade na prática desse ofício, a pesca, assim como o valor e a

importância de um saber próprio, específico daqueles que vivem e se reproduzem enquanto pescadores do mar.

A partir destas duas temáticas se desdobram as imagens, a festa, a crença, pois tudo está envolto em uma rede significados baseada no conhecimento e no saber do pescador do mar, que se sente antes de tudo livre, ele é aventureiro e reproduz esta prática tradicional, a pesca, com orgulho e satisfação.

A idéia de inserir um poema, letras de canções (entre elas um coco de autoria de um pescador) na dissertação, aconteceu durante a Festa de São Pedro, quando ouvi o coco e pude relacionar, o que era cantado, com os dados que havia coletado. Dessa forma, pude compreender que as imagens, o som, a repetição, as palavras, o vento, a tempestade, o furacão, se ligam umas as outras e constituem o imaginário dos pescadores.

As demais músicas e o poema utilizado, vieram a ajudar a tecer esta rede de significados, formada por imagens presentes neste cenário da pesca. E nada melhor para iniciar, para puxar o fio condutor desta rede do que um pescador, cantando a si, a uma identidade, a um *ethos*⁵ de pescador do mar.

Um Convite

Um convite a um novo olhar, mais livre, mais corajoso, mais justo e leal, deixemo-nos levar por estas ondas e por este mar...

*“ Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como barco esquecido*

*Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros
de sereias dadas à costa.*

E o rosto de meus avós estava caindo

⁵ Referência ao importante estudo da autora Simone Maldonado, intitulado *Pescadores do Mar*.

*pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
e pelos mares do Norte, duros de gelo.*

*Então é comigo que falam,
Sou eu que deve ir.
Porque não há ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a mar e a obedecer a seus mortos.*

*E tenho de procurar meus tios remotos afogados.
Tenho de levar-lhes redes de rezas.
campos convertidos em velas,
barcas sobrenaturais
com peixes mensageiros
e santos náuticos.*

*Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.
A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos a ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo.”*

Cecília Meireles⁶

Parece que as imagens se confundem, constituem um feixe que ultrapassa povos, culturas de forma a percebermos ressonâncias nas imagens de vento, perigo, barco, velas, ilusão. No âmbito do imaginário da pesca, entre o poema de Cecília Meireles e o campo pesquisado há muito mais interligações do que podemos supor.

Entre as idéias despertadas pelo referido poema, Rubem Alves⁷ ressalta:

“Agora, mar aberto, “muitas velas, muitos remos”, muitos corpos, uma odisséia comum. “E quilha contra as ondas”, : a pequena canção-biografia se transforma em sinfonia cósmica em que entramos como parte de um coro de vozes infinitas, onde se fundem homens, mulheres, deuses, universos. Não estamos sozinhos, Meu destino não é só meu. Meu risos e dores não são confissões solitárias, mas parte de uma tapeçaria que se chama humanidade. Sou Adão e sou Eva, Caim e Abel, Laio, Jocasta, Ulisses e Telêmaco...

Não, o mito não diz como as coisas se deram.

O que ele faz é reconstruir a beleza trágica e comovente do destino humano de que todos participamos. E quando nossos corpos estremeçam ao ouvir o coro que canta, sentimos que navegamos juntos...

⁶ Poema extraído do livro: **As Razões do Mito**, org. Régis de Moraes, 1988,p.19

⁷ Idem p.19-20

Nossos interlocutores não estão tão afastados de nós, longe de serem apenas objetos, são também sujeitos, atores, interligados a nós. Estamos conectados, as ligações existem, por isto é preciso religar saberes, vidas, mundos... (MORIN, 2001)

CAPITULO I: UMA DESCRIÇÃO DA PESCA

A Pesca em Pernambuco

A participação da pesca nordestina no cenário nacional é modesta, cerca de 11,7%, Pernambuco representa 0,5% deste total. Apesar disto, esta atividade desempenha importante papel na vida das populações do Litoral. É significativa a presença da mesma em áreas consideradas urbanas da RMR (Região Metropolitana do Recife), como é o caso do Recife (Pina), Olinda (Carmo, Rio Doce, Ilha do Maruim), Paulista (Pau Amarelo). Estes são alguns exemplos da atuação da pesca na vida urbana hoje.⁸

Segundo dados oficiais o sistema pesqueiro predominante no Litoral de Pernambuco é o artesanal. A produção total no estado de Pernambuco proveniente da pesca artesanal e industrial, foi de 5.884,5 t, tendo um aumento em relação ao ano de 2001 de 1.4448,5 (32,65%), fato este atribuído a captura de algumas espécies como: manjuba, marisco, saramunete e albacora.⁹

Em relação a pesca artesanal houve um acréscimo de 1.388,2 (31,8%), e a pesca industrial com aumento de 60,3 t (79,2%) em relação a 2001.

Na tabela abaixo podemos perceber a representatividade da produção pesqueira em Pernambuco.

CLASSE	PRODUÇÃO	%
PEIXES	4.549,0	78,1
ARTESANAL	4.457,6	75,8
INDUSTRIAL	136,4	2,3
CRUSTÁCEOS	600,3	10,2
MOLUSCOS	690,2	11,7
TOTAL	5.884,5	100

Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil , 2003

⁸COMPANHIA PERNAMBUCANA DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS (CPRH). **Diagnóstico Sócio Ambiental Litoral Norte**. 2000

⁹ Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil , 2003. Ressalto que não existem dados oficiais mais recentes. Ver tabela em Anexo 01.

A maior parte desta produção provém do Litoral Norte, onde existem várias comunidades pesqueiras.

Pernambuco possui um litoral de 187 Km de extensão, onde estão localizados 14 municípios e 33 comunidades pesqueiras, que se estendem por toda costa desde Goiana, ao Norte, até o município de São José da Coroa Grande, ao Sul.

Com população total de 3.545.593 habitantes, sendo 3.361.041 urbana e 184.552 rural e uma densidade demográfica de 797,16 hab/km².¹⁰

Segundo o Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil (2003)¹¹, a costa de Pernambuco é caracterizada pela presença de mangues e recifes costeiros, ecossistemas altamente produtivos aos quais está associada grande parte das espécies capturadas.

A produção de pescado é basicamente oriunda de embarcações de pequeno porte (8 a 12 metros de comprimento) e abaixo de 20 TBA (Tonelagem Bruta de Arqueação). Possuem, em sua maioria, casco de madeira, propulsão à vela, remo e a motor, com sistemas de conservação em caixas isotérmicas com gelo e realizam viagens de curta duração, à exceção dos barcos atuneiros¹² que, eventualmente, desembarcam no porto de Recife.

Observa-se pouco avanço no desenvolvimento tecnológico dos equipamentos de pesca utilizados. Algumas embarcações possuem GPS¹³, ecossonda e rádio, adquiridos a partir de 1998 por intermédio de financiamentos junto ao Banco do Nordeste e outras instituições financeiras.

A força de trabalho que se dedica à pesca é de aproximadamente 11.000 pescadores, operando numa frota de 2.347 unidades, na sua maioria embarcações com propulsão a vela (canoas e jangadas). Observa-se a predominância, no litoral norte, das

¹⁰ IBGE. Censo Demográfico 2000./ Publicações CPRH/MMA

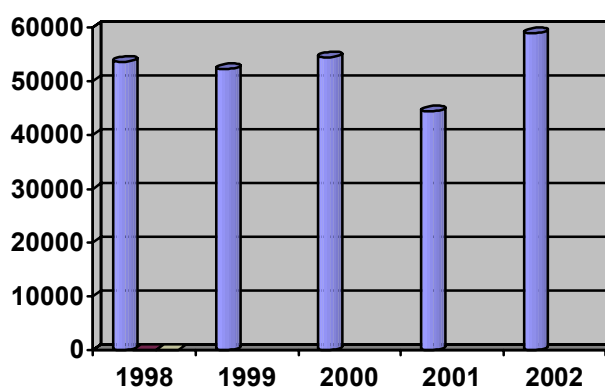
¹¹ Elaborado pelo Ministério do Meio Ambiente – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE, Dez. 2003.

¹² Barcos da pesca do atum.

¹³ Radar utilizado para localizar peixes.

canoas/baiteiras, enquanto que os barcos motorizados concentram-se em Recife e no litoral sul.

No gráfico abaixo podemos fazer uma comparação da produção de pescado em Pernambuco de 1998 até 2002.



Podemos perceber a produção ao longo dos anos, sendo respectivamente as produções: no ano de 1998 de 5.358t, em 1999 de 5.221,8t, em 2000 de 5.438,9t, em 2001, de 4.436,9t e em 2002 de 5.884,6t.

Os municípios que apresentaram maior produção foram: Itapissuma, Goiana, São José da Coroa Grande e Olinda com respectivamente, 1.785,4t (30,3%), 958,5t (16,3%), 462,4t (7,9%) e 459,1t (7,8%).¹⁴ Houve um aumento de produção em todos os município, em relação a 2001.¹⁵

Os barcos motorizados são responsáveis pelas maiores produções, cerca de 2.468,6t (42,0%), em seguida as canoas com 2.111,7t (35,9%), os nid¹⁶ com 677,1 (11,5%) e por último as jangadas com 490,7 (8,3%). É importante destacar que apesar dos números de

¹⁴ Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil 2002, Tamandaré: Dez, 2003.

¹⁵ Ver Anexo 01

¹⁶ Ver Glossário.

canoas e jangadas serem superiores aos de barco motorizados, estes são os responsáveis pelo maior volume de produção.¹⁷

São utilizados 16 aparelhos de pescaria litorânea e estuarina em Pernambuco, sendo as redes de espera com melhor desempenho, com 1.456,9t (24,8%), seguidos do covo peixe com 1.117,3 (19,0%), mangote, com 975,5t (16,6%), as linhas com 840,3t (14,3%) e as coletas manuais com 747,8t (12,7%). Correspondendo a 87,4% de todas as pescarias do Estado.¹⁸

O consumo de peixe é baixo, um consumo *per capita*, estimado em 5Kg/ano, verifica-se um *déficit* na demanda interna de pescado em torno de 25.000t/ano, suprido com a importação de produtos pesqueiros de outros estados e do exterior.

A população residente no Litoral Pernambucano é alotada em três grandes núcleos: Litoral Sul, Núcleo Metropolitano e Litoral Norte.¹⁹

O Litoral Sul apresenta uma população total de 335.917 habitantes, sendo 248.620 urbana e 87.297 rural e uma densidade demográfica de 163,39 hab/km². É composto pelos municípios de Barreiros, Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Sirinhaém e Tamandaré

O Núcleo Metropolitano possui uma população total de 2.639.594 habitantes, sendo 2.601.425 urbana e 38.269 rural e uma densidade demográfica de 2.601,61 hab/km². É composto pelos municípios de Camaragibe, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Recife e São Lourenço da Mata.

O Litoral Norte possui uma população total de 570.082 habitantes, sendo 510.996 urbana e 59.086 rural e uma densidade demográfica de 413,91 hab/km². É composto pelos

¹⁷ Ver Anexo 02

¹⁸ Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil 2002, Tamandaré: Dez, 2003. Ver Anexo 03

¹⁹ IBGE. Censo Demográfico 2000./ Publicações CPRH/MMA

municípios de Abreu e Lima, Araçoiaba, Goiana, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Itapissuma, Itaquitinga e Paulista.

O município de Olinda, onde está localizado nosso campo de pesquisa, a praia do Carmo, possui uma população total de 368.666 habitantes, sendo 361.323 urbana e 7.343 rural e uma densidade demográfica de 9.727,34 hab/km².²⁰

Aqueles que se interessam e buscam conhecer um pouco mais sobre a pesca e o espaço dos pescadores percebem que esta atividade ainda existe como uma atividade tradicional, com práticas que se reproduzem e se renovam, presentes na realidade social de parcelas de populações encontradas, não só em municípios litorâneos mais afastados dos grandes centros, mas também em meio a centros urbanos.

A pesca pernambucana, além de contribuir para a alimentação das famílias que praticam a atividade, também abastece o mercado local, grande parte da Região Metropolitana do Recife e do interior do Estado.

O espaço da pesca em Olinda

O campo escolhido é um espaço com uma tradição na arte da pesca: no bairro do Carmo, município de Olinda, Região Metropolitana de Recife. Encontramos no mesmo a colônia Z-04, a praia do Carmo (nome do bairro), algumas peixarias no entorno, uma cooperativa de pesca, a igreja de São Pedro dos Pescadores e alguns bares na praia freqüentados por pescadores.²¹

Embora seja um município urbano, Olinda se destaca no comércio de pescado, sobretudo as áreas de Rio Doce, Ilha do Maruim e Carmo²², este último, o campo escolhido.

²⁰ FONTE: IBGE, Sinopse Preliminar do Senso Demográfico 2000. Rio de Janeiro, v.7.

²¹ A maioria dos bares foi retirada da praia, como pude notar em visita feita recentemente ao local, restando apenas um, no momento da visita, em out/2004.

²² Ver Mapa do Litoral em Anexo 04.

Olinda, terceira maior cidade de Pernambuco, abriga em seus 40,83 quilômetros quadrados de extensão territorial uma população de 367.902 habitantes, o que significa uma densidade demográfica de 9,010 habitantes por quilômetro quadrado, segundo o Censo Demográfico de 2000. Desses 40,83 Km², 1,2 quilômetro quadrado é de área tombada e 10,4 Km² de área de preservação. Tem como limites: Paulista (Norte), Recife (Sul), Oceano Atlântico (Leste) e Recife (Oeste).²³

A taxa de urbanização é de 98%, o que faz de Olinda um município eminentemente urbano. O produto Interno Bruto (PIB) do município em 1996 era de 1.020.826.915, quase o dobro do registrado em 1980, segundo dados do IBGE.

A maioria dos chefes de família (44,96%) possui renda de até dois salários mínimos e a totalidade da população uma renda média mensal de 3,787 salários mínimos. Segundo o Censo 2000, 26% da população desenvolve atividades econômicas ligadas à área de Serviços, mas a maior taxa de ocupação (27%) está em áreas de atividades não-especificadas pelo IBGE.

No que se refere ao desenvolvimento econômico e cultural do município de Olinda gostaria de destacar alguns pontos que se referem a atribuições de duas secretarias: a secretaria de desenvolvimento econômico e turismo e a secretaria do patrimônio, ciência e cultura.

Dentre as várias atribuições da secretaria de desenvolvimento econômico e turismo, a que tem como objetivo promover o desenvolvimento das atividades econômicas do município, duas chamaram minha atenção:

Valorizar o turismo como base econômica de sustentação social e meio de preservação do patrimônio cultural;
*Fomentar a diversificação e a ampliação da produção agrícola e pesqueira do município;*²⁴

²³ Dados obtidos no endereço eletrônico da Prefeitura de Olinda (<http://www.olinda.pe.gov.br>) 26/01/2005.

²⁴ Dados obtidos a partir de endereço eletrônico da Prefeitura de Olinda (<http://www.olinda.pe.gov.br>)

Estas informações tornam-se significativas na medida em que se percebe a importância dada ao turismo como base econômica, enquanto que, atualmente, o incentivo para diversificação e ampliação da produção pesqueira ainda está por vir. Essa falta de incentivo pode ser percebida através de declarações de pescadores e da realidade da colônia e da praia, enfim do espaço da pesca no Carmo.

Quando perguntei a um pescador sobre algum apoio da prefeitura ou governo do estado ele me respondeu:

“É somos cultura, mas ela (a prefeitura) não tem participação nenhuma aqui, acho que ela só vinha aqui se fosse alguma coisa irregular dentro da colônia, como uma vez, a Omo tava fazendo uma propaganda e falou aí pra fazer a propaganda, aí pintou tudo aí, num mesmo instante veio o recado da prefeitura pra tirar tudinho. Aí nisso aí ela participa.”
(Seu Zezinho)²⁵

A mesma secretaria complementa como *política de ação*

*“A secretaria ainda incrementa a economia e o turismo do município por meio de projetos geradores de trabalho e renda, promovem a revitalização do setor pesqueiro, incentivam as atividades produtivas e de lazer na área rural, dinamizam as atividades na orla marítima e capacitam profissionais do turismo e moradores, além de promoverem a melhoria na estrutura de serviços para o turista.”*²⁶

Através destas citações podemos perceber um conflito de interesses entre poder público e pescadores. Estes pescadores são conscientes de seu valor e percebem a negligência com que as políticas públicas são efetivadas na cidade.

Um outro aspecto que deve ser considerado sobre a revitalização do setor pesqueiro, é a necessidade de limpeza da praia do Carmo, pois não é raro encontrar-mos lixo na praia, na água, sendo bastante visível a poluição.

A preocupação com a orla poderia começar com o saneamento básico, já que os esgotos daquela área correm para o mar. Quando entrevistava outro pescador este declarou:

“ Antigamente aqui dava cada marisco, hoje é quase nenhum, minhoca, hoje não tem mais nenhuma, é a poluição... estes esgotos aí (mostrou-me as caixas de esgoto da rua)

²⁵ Nome fictício, para preservar a identidade do pescador.

²⁶ Site da Prefeitura de Olinda

tudo caindo dentro do mar, tudo é esgoto pra dentro do mar... aquela tá cheia, já foi eu que balancei hoje, aí ela escorreu para aquela dali e daquela para dentro do mar, pronto.”
(Seu Bernardinho)²⁷

No que se refere a secretaria do Patrimônio, Ciência e Cultura, destaco duas de suas atribuições,

*Desenvolver atividades de animação cultural orientadas para todas as manifestações populares, **religiosas**, esportivas e de integração social dos diferentes segmentos da sociedade.*

*Promover a **articulação entre o setor produtivo e a comunidade científica e tecnológica**, visando a elaboração e execução de programas, projetos e ações de pesquisa, difusão, absorção e transferência de conhecimentos científicos e tecnológicos, sobretudo nas áreas estratégicas para o desenvolvimento de Olinda.*²⁸

Estas questões não são percebidas em relação a população de pescadores do Carmo, primeiro no que diz respeito às atividades religiosas. Estive presente na procissão de São Pedro de 2004, e pude constatar que não teve apoio da prefeitura, assim como ocorreu nos anos anteriores segundo informações dos pescadores abordados:

“Eu já ouvi falar que procuraram a prefeitura para colaborar com a Festa de São Pedro e nada.”

“É a Festa feita pelo presidente da colônia, pelos pescadores que organiza, arruma as camisa com um candidato, são os pescadores que fazem, a prefeitura não dá nada.”

De acordo com os depoimentos, a articulação da produção com a comunidade científica fica a desejar, pois não existe apoio científico atualmente, inclusive seria interessante este intercâmbio de conhecimentos, para uma melhoria tecnológica, ambiental e social do referido espaço. Tal articulação repercutiria em ambas as partes, pois a troca de conhecimentos poderia proporcionar uma melhor situação e criar uma melhor qualidade de vida para a sociedade como um todo. Vale ressaltar que as populações tradicionais são detentoras de saberes e valores já perdidos pela sociedade industrial, é preciso resgatá-los e reconhecê-los, além de compartilhá-los, para que se alcance melhores condições de vida.

²⁷ Nome Fictício.

²⁸ Site da Prefeitura já citado.

Fica perceptível que Olinda é uma cidade voltada para a atividade turística, enquanto cidade Patrimônio Histórico-Cultural da Humanidade, parece que os monumentos vêm sendo protegidos, percebe-se isto nas atribuições das diversas secretarias que estão voltadas para este aspecto, é o turismo que economicamente traz mais divisas para o município.

Na elaboração de um novo plano diretor (2004) da cidade juntamente com o Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), através da FADE/UFPE, com o apoio do Ministério das cidades, da Caixa Econômica e do Programa Habitar Brasil/BID (Banco Inter-Americano de Desenvolvimento), podemos perceber também a preocupação com este aspecto. Embora seja fundamental, o turismo não deveria ser a única atividade fomentada, é necessário voltar-se para outros aspectos.

A pesca é deixada de lado em detrimento de outras atividades consideradas mais lucrativas, esta é uma discussão já antiga, e pode ser encontrada nos estudiosos desta atividade. Retomemos um pouco algumas questões levantadas por teóricos especialistas na área.

Dentre outros autores que trabalham com a pesca, gostaria de abordar um tema discutido pela autora Gioconda Mussolini.

No artigo “Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro” (1972), analisa os traços culturais da vida social local, enfatizando a riqueza das tradições indígenas e portuguesas que se manifestam nas práticas da pesca desenvolvida por moradores dos pequenos núcleos litorâneos.

Ela caracteriza a dinâmica do povoamento do litoral brasileiro, levando em consideração inclusive os anos 60, quando realizou suas pesquisas de campo na costa da região sudeste. Consideramos ser este um texto bastante importante; pois, apesar de ter sido

escrito décadas atrás, representa uma realidade ainda bem atual. Com ele refletimos sobre o “encobrimento” freqüente de um expressivo modo de vida local.

Um “espaço vazio”?

Em relação à existência de um mundo dos pescadores, no caso escolhido para a nossa prática de pesquisa, observamos uma dificuldade primeira semelhante àquela apresentada no trabalho de Gioconda Mussolini: a de encontrar registros oficiais sobre esta parcela da população. Nas estatísticas de órgãos governamentais, mesmo quando responsáveis pela gestão das atividades pesqueiras, não são encontrados números populacionais; eles praticamente “não existem”. Ou não mais existiriam os pescadores locais?

Na historiografia oficial, conforme Mussolini, a pesca aparece vinculada à atividade de exportação, reafirmando nossa tradição de país exportador de matérias-primas, ou então como uma atividade complementar, à margem das atividades consideradas principais. No caso do Carmo, apesar de ser citada a pesca e os pescadores não são priorizados quando se trata de políticas governamentais.

Encontramos dados sobre aparelhos de pesca, tipos de navegação, porém nenhum dado específico sobre o registro da população de pescadores. Nem mesmo a colônia, dispõe destes dados, no caso desta pesquisa foi o campo que me forneceu uma maior aproximação da realidade desta população.

A dificuldade de registrar dos pesquisadores está atrelada a algumas questões: a colônia, órgão mais indicado para se conseguir estes registros, possui pescadores locais e de outras localidades registrados, o que dificulta a obtenção de um dado real.

No exemplo do meu campo de pesquisa, a colônia possui pescadores cadastrados de três localidades, logo sem o trabalho de campo realizado, poderia atribuir um registro irreal no que se refere ao número de pescadores do Carmo especificamente.

Para Mussolini, a população pesqueira não consta em muitos desses registros, ou melhor, encontra-se “à sombra” das grandes plantações de açúcar no Nordeste e de café no Centro Sul, e, atualmente, do turismo atividade crescente na economia global.

Pude constatar este fato em dois trabalhos de campo um realizado em Tamandaré, município do litoral sul de Pernambuco (2001), e outro em Olinda o meu campo atual.

A pesca é uma atividade colocada à margem daquelas atividades que são privilegiadas pelas políticas governamentais. Disto resulta que:

“ A primeira impressão que se tem do litoral, com exceção de uns poucos pontos ... é que a vida ali foi simplificada em seus elementos culturais, e, em comparação com o passado, reduzida a ponto pequeno.” (MUSSOLINI, 1972: 297)

A autora, reportando-se a outro tipo de literatura existente (cita Caio Prado Jr.), sugere como explicação desta “ausência” de registros o fato de atividades complementares serem situadas “à sombra”; ou seja, elas são obscurecidas pelas atividades consideradas predominantes tais como: comércio, indústria, serviços, etc., relacionadas à produção de maior valor comercial.

Como a maioria das atividades tradicionais, a pesca “não consta”; ela é considerada uma atividade por assim dizer “fantasma”, ou oficialmente “desconhecida”.

Podemos pensar também que esta é uma atividade bem conhecida por parte de populações litorâneas; particularmente por aquela parcela que teve, durante longo tempo e hoje ainda tem, a pesca em grupo como centro referencial de seu mundo:

“ essencialmente ligada à Tainha, peixe cuja pescaria, além de constituir denominador comum na cultura litorânea, tem atrás de si toda uma série de práticas tradicionais que ilustram o tipo de organização da pesca caracteristicamente local.” (MUSSOLINI, 1972: 309)



Seu Zito, mais de 50 anos de pescaria, tratando algumas Tainhas, pescadas por pescadores locais.

A pesca local faz-se muito presente na vida e nas construções identitárias desta parcela da população costeira. É assim que percebemos quando nos aproximamos de suas diversas modalidades: *pesca de alto mar*, *pesca da baleia* (em algumas localidades, hoje proibida), *pesca da Tainha* (por todo o litoral, hoje reduzida), e outras tantas que envolvem uma “trama” de valores, crenças e simbologias. Descobrimos que neste mundo, supostamente

“inexistente”, existem tradições culturais que ainda se fazem presentes na vida de pessoas e grupos locais.

Elas aparecem em meio a uma “trama” de relações que muitas vezes envolve não só um grupo de pescadores, mas toda uma comunidade de vizinhança. Neste sentido, um suposto “espaço vazio” se mostra, de fato, um espaço “cheio”, repleto de vida, de significados e valores.

Assim, quando nos deparamos na sede de entidades públicas com uma escassez tão grande de informações sobre a população de pescadores de nosso litoral, podemos mesmo levantar questões como estas que se seguem: - Será que simplesmente todas as nossas tradições deixaram de existir?; Ou já não são mais tão interessantes quanto eram? Será que elas perderam suas funções de reprodução cultural

Talvez estas informações não constem oficialmente, porque não interessam à instalação ou consolidação de certos empreendimentos, por vezes não claramente assumidos. Ou seja, aquilo que “não existe” não precisa ser preservado ou não pode ser destruído.

No entanto, a pesca tinha e tem uma intensidade local. Ela envolve um mundo de relações sociais, de simbolismo e representações, que está presente na vida das pessoas e grupos que o vivenciam, reproduzindo uma identidade e um saber tradicional.

As discussões de Simone Maldonado e Antonio Carlos Diegues se farão presentes nos capítulos a seguir, sobretudo no Capítulo II sobre Identidade, e capítulo III, sobre o Espaço do Pescador.

Voltando aos dados quantitativos, descreveremos um pouco mais sobre a pesca em Olinda. Podemos perceber que, embora os registros oficiais tentem considerar esta população invisível, o fato é que existe uma significativa produção que dinamiza a economia do município.

Diante de uma produção total de 5.884,5 toneladas de pescado marítimo e estuarino percebemos que o município Olinda ocupa o quarto lugar, sendo responsável por 7,8% da produção total do Estado de Pernambuco.²⁹

As espécies mais capturadas em Olinda são principalmente: o Saramunete (93,4t), Sapuruna (57,6t), Budião (34,6t), Cioba (32,9t), Ariacó (22,9t), Dourado (13,7t), e mais Bonito, Biquara, Xaréu, Serra, Cavala, Arabaiana, , Tainha, Guaiuba. A pesca de camarão é bem menor, a maior produção é a do camarão pequeno, e é de 12,3t, assim como a da lagosta, sendo a lagosta vermelha mais capturada, com cerca de 1,4t.

O camarão encontrado comumente em isopor e sendo vendido em isopores próximos a colônia e a área de pesquisa no Carmo, são de viveiros; poucos são pescados no local. O maior destaque de produção de pescado aí é para a armadilha de Covo peixe na captura do Saramunete, com produção bem significativa na área. Um outro destaque é a pesca com Linha, *linha de fundo*, como dizem os pescadores.



Barco com armadilha (Covo Peixe) para captura do Saramunete.

²⁹ Ver tabela em Anexo 01.

Podemos destacar os seguintes apetrechos de pesca em Olinda pelo Covo Peixe responsável por 217,5t, a pesca de linha com 173,3t é por t, seguida da Rede de Espera com 39,2t, do Mangote com 24,1t, do arrastão de praia com 2,4t, da Caçoeira com 2,0t, a Tarrafa com 0,6 t e da rede de cerco com 0,1t .

As embarcações encontradas em Olinda são as lanchas pequenas ³⁰ responsáveis por 200,6t, as lanchas médias por 151,0t, as jangadas por 60,0t e as canoas por 47,5t.³¹

Neste caso devemos levar em consideração que a maior produção está vinculada à capacidade das embarcações. Os barcos a motor passam em média 8 até 12 dias no mar, enquanto que as jangadas e as canoas passam algumas horas.



Catraias (jangadas) na praia do Carmo.

Contudo a quantidade de catraias e baiteiras é bem maior do que a dos barcos a motor, o que é significativo em termos da pesca tradicional, mostrando a convivência entre o

³⁰ Também conhecidas popularmente como barcos a motor, que podem ser pequenos, médios e grandes.

³¹ Lembrando que as canoas também são conhecidas como baiteiras e as jangadas como catraias. Ver Anexo 05

tradicional e o moderno, ambos atuantes no cenário da pesca de Olinda e, especificamente, do Carmo nosso espaço pesquisado.

No que se refere a distribuição da frota cadastrada em Olinda, encontramos o seguinte quadro: 58 jangadas, 41 canoas, 36 lanchas pequenas, e 34 lanchas médias com um total de 169 embarcações; representando 7,2% do total de embarcações cadastradas no estado de Pernambuco.³² A produção total de Olinda é de 459,1 toneladas, correspondendo a um valor (R\$) de 1.404.502,19, o que representa 7,4% do valor total da produção do estado que é de (R\$) 19.097.369,14.³³

Olinda com seus 7,4% ocupa o sexto lugar dentre os 14 municípios selecionados.

Diante deste quadro levantado com base em dados oficiais, de institutos como IBAMA, CEPENE, CPRH, MMA, buscamos apresentar Olinda e sua significância no espaço da pesca no estado de Pernambuco, e assim adentrar mais no espaço do Carmo, o lugar onde realizamos nossa pesquisa de campo.

A Pesca no Carmo

A atual sede da Colônia de Pescadores foi fundada em 29 de junho de 1985, antes a sede era no bairro de Amaro Branco. Segundo dados do presidente da colônia, o Sr. Ricardo Nascimento, existem hoje 700 associados, dos quais, 250 são marisqueiras.

Os pescadores se distribuem em três localidades: Rio Doce, Carmo e Ilha do Maruim,³⁴ enquanto que as marisqueiras fazem sua coleta em Rio Doce, Ilha do Maruim e no Pina.³⁵

³² Dados de 2002- IBAMA/CEPENE, os municípios são: Goiana, Itamaracá, Itapissuma, Igarassu, Paulista, Olinda, Recife, Jaboatão, Cabo, Ipojuca, Sirinhaém, Rio Formoso, São José da Coroa Grande e Tamandaré, ver Tabela em Anexo 06

³³ Valores coletados no ano de 2002, pelo IBAMA/CEPENE.

³⁴ Ver Mapa em Anexo 04

³⁵ As localidades citadas pertencem a RMR. As informações foram dadas pelo atual presidente da Colônia o senhor Ricardo Nascimento.

No Carmo há cerca de 60 pescadores, informação colhida junto aos entrevistados, e que pode ser confirmada nas idas ao campo.

Existem cerca de 9 barcos a motor nesta área, mas nenhum pertence a colônia, que já teve três barcos e uma *infra-estrutura bem desenvolvida* segundo alguns pescadores, com restaurante, fábrica de gelo (que ainda existe) e câmara frigorífica (também existe). Mas esta infra-estrutura não conseguiu se manter por muito tempo. Atualmente, o que encontramos é uma colônia sem um apoio logístico, de barcos, armazenagem, e comercialização do pescado.



Barcos a motor encontrados na Praia do Carmo.

A atividade da colônia hoje se resume a venda de gelo e aluguel da câmara frigorífica para outrem. As tarefas do presidente quase que se restringem a conseguir do IBAMA³⁶ a liberação do barco particular de algum associado (já que a colônia não possui barcos) e veicular informações sobre créditos oferecidos pelo governo federal para a Pesca.

O que pude perceber e me foi confirmado pelos pescadores é que aqueles que se associam buscam a aposentadoria, uma segurança no futuro. É importante destacar também

³⁶ Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

que 30% destes pescadores associados estão em débito com a colônia, segundo informou o presidente da colônia.

O mesmo informa que a renda gerada pelas atividades é muito baixa e que só dá para pagar as contas de água, energia elétrica e o salário de um encarregado que trabalha na colônia, o senhor Henrique. Também afirma que a inadimplência é muito alta por parte dos pescadores, e que quando um deles morre ou acontece um acidente, se nota a pressa em atualizar os papéis para o recebimento da aposentadoria.

Tendo apresentado a não atuação precária da Colônia enquanto associação de e para o apoio aos pescadores, buscamos agora descrever como se efetiva esta atividade no Carmo.

A pesca responsável pela maior produção, é a realizada com a participação de quatro homens dependendo da embarcação.

Na pesca de *mar de dentro*, ou *mar de terra* ou *mar raso* normalmente vão dois pescadores, numa baitera ou catraia ³⁷ e realizam uma pescaria de menor volume. Normalmente é composta de sardinhas, tainhas, siris, que são encontrados mais próximos a praia, voltada para consumo próprio e o restante para venda aos peixeiros³⁸.

A baitera (canoa) pode ser própria, porém é comum o aluguel destas a outros, que pagam a semana ou a diária. O preço varia entre 10 e 15 reais a diária.³⁹

O volume pescado é 10 quilos em média. Neste caso tem-se um lucro um pouco maior no valor do quilo do produto vendido, devido ao menor número de intermediários na comercialização. O comércio neste caso é realizado direto com o donos das peixarias ou vendido pelo próprio pescador na praia ou arredores.

³⁷ Baitera é uma embarcação de pequeno porte movida a vela e remo, conhecida como canoa. A catraia, paquete ou jangada também é movida a remo, vara ou vela, possui casco de isopor revestido de madeira.

³⁸ Donos de peixarias próximas a praia, alguns deles são pescadores e os outros *já vivem neste mundo da pesca há muito tempo*, como diz um pescador..

³⁹ Informação obtida com pescadores que fazem uso do aluguel destas embarcações.

A *pesca de alto*, ou *pesca do mar de fora*, é aquela realizada em barcos de médio porte, equipados com bússola, GPS, sonda e rede. Saem 4, até 5 pescadores, que ficam em média de oito até dez dias no mar, o volume gira em torno de 300 a 400 quilos por viagem.

É importante destacar que, segundo os pescadores mais antigos, no passado a produção era o dobro deste volume em duas idas durante uma semana; ou seja, o volume caiu pela metade, apesar dos avanços da tecnologia dos barcos.

O pescado capturado na pesca de alto é, em sua maior parte, de linha⁴⁰, pescaria característica do Carmo, e uma menor com redes de espera⁴¹. As espécies são Arabaiana, Dourado, Cavala, Guaiuba, Cioba.

A pescaria é realizada por toda área adjacente do mar de Olinda e daí até o mar de João Pessoa (Paraíba) e o mar de Maceió (Alagoas).

Em conversa com alguns pescadores mais antigos, estes chamaram a atenção para a atividade clandestina realizada por navios; segundo eles, japoneses e/ou coreanos, utilizam um apetrecho denominado “espinhel”⁴², “*para acabar com o mar da gente aqui*”⁴³.

Este tipo de pesca é feita em mar alto, “*muito lá para dentro... nós não chegamos lá.*” Contudo eles sofrem as conseqüências deste tipo de pescaria, ou seja, podem matar muitas espécies e dificultar que outras cheguem no local onde pescam.

Esta é uma situação de conflito que é ignorada pelas autoridades competentes, segundo os pescadores esta prática é comum em mar alto, já há algum tempo.

É devido a isto que ocorreu uma diminuição do volume e o desaparecimento de algumas espécies como a Manguru e o Agulhão, que são capturadas por estes barcos.

⁴⁰ Todas as pescarias com linha de fundo ou superfície, com comprimento variável em função da profundidade e das espécies a serem capturadas. Os anzóis utilizados variam para captura de peixes grandes e pequenos.

⁴¹ Todas as redes que ficam verticalmente na coluna d’água onde o peixe é emalhado, podendo ser de deriva (quando opera ao sabor das correntes) ou fixas por meio de fateixas. Podem ser empregadas na superfície, meia água ou fundo.

⁴² Pescaria que consiste na utilização de várias linhas com anzol, amarradas espaçadamente por distorcedores e uma linha mestra, na qual, de forma horizontal quando é esticada, se fixam duas bóias em suas extremidades, ou na vertical, com uma bóia e uma chumbada em uma das extremidades.

⁴³ Declara um outro pescador sobre este tipo de pesca.

De acordo com um pescador antigo “*nessa época nós pegávamos a Manguru a vontade aqui, mas hoje, veja, nesta pescaria que eu trouxe ontem, só conseguimos pegar duas, em outros tempos tinha dez, quinze, vinte...*” (Seu Cleodon). Outro complementa “*eles cercam lá fora onde o peixe desova, aí mete o espinhel e tá pegando tudo lá por fora..*” (Seu Saci).

Esta pesca de *mar alto*, responsável pelo maior volume, é realizada por nove barcos⁴⁴ particulares, de associados da colônia. Sete deles foram adquiridos com financiamento do Banco do Nordeste através do PRORURAL, no ano de 1998, hoje quatro destes sete, são do mesmo dono. A colônia não participou desta negociação, pois segundo o presidente:

“*Eu não ia incentivar essa negociação, barcos muito caros, não tinha condição, aí eles fundaram a associação dos pescadores de Amaro Branco e pegaram estes barcos...*”
(Ricardo Nascimento, presidente da colônia)

Outro pescador diz:

“*...fundaram uma associação só prá pegar estes barcos, Associação do Amaro Branco, que não existe mais, acabou.*”
(Seu Pedro, pescador)

Podemos perceber outro ponto de tensão em que houve divergência entre os pescadores sobre comprar ou não os barcos financiados pelo BID, chegando a fundarem associações para receber os barcos, já que o presidente da colônia disse que não o faria.

Este mesmo financiamento abrangeu outras localidades do litoral pernambucano como Pontas de Pedra, Pau Amarelo, Itamaracá, Tamandaré, entre outras. Contudo a maioria não pagou como planejado o financiamento, segundo informações de pescadores de Olinda, Tamandaré, com os quais conversei.

⁴⁴ Barcos de fibra de vidro e de madeira.

Os donos dos barcos também pescadores, abastecem com gelo, rancho⁴⁵, óleo (combustível), gastam uma média de 600 reais, o que deve ser compensado com a produção, às vezes por conta disto a pescaria pode se prolongar até 12 dias, pois é preciso atingir um volume que possa cobrir as despesas, gerar o extra para o dono do barco e o pagamento dos demais pescadores.

Os peixes são marcados para que possa ser dividido no desembarque dentre os quatro ou cinco integrantes, uns marcam na cabeça, outros na barriga, outros no rabo, com marcas próprias para que se possa identificar quem pescou o quê.

Todos os peixes são marcados, cada pescador tem uma marca específica, com exceção do mestre:

“Cada um pescador tem a sua marca, um marca no rabo, outro marca na testa, outro marca na barbatana, outro marca no peito, pronto cada um tem sua marca, todo pescador na navegação tem tudo marca, aí o mestre não marca o peixe dele, o peixe dele é sem marca, só marca os outro quatro pescadores ...

separa essa marca, pesa a marca de fulano, aí pesou tantos quilos de peixe preto, peixe de Segunda e tantos de primeira, depois soma o pescado de cada um paga e pronto.”

(Seu Tonho, pescador)

Esta divisão através das marcas de cada pescador, assim como a pesagem e o pagamento, acontece logo que desembarcam. O responsável pela navegação é quem paga o pescado.

O pescador, dono do barco embarcado ou não, por sua vez, paga aos pescadores embarcados e revende a sua parte nas peixarias de outros pescadores ou revende ele mesmo o seu pescado, neste caso ganhando mais, tento mais lucro ao final da comercialização.

Pude constatar que a produção não é armazenada pelo pescador, que na sua maioria não possui *freezer*, alguns possuem isopores e vendem seu pescado na calçada diretamente ao consumidor, tendo um ganho maior. A armazenagem do produto é de

⁴⁵ Alimentação para a viagem.

fundamental importância neste mercado, já que o produto comercializado é facilmente perecível.

Posso dizer que a pescaria de maior volume neste espaço é aquela realizada pelos barcos de médio porte, a motor, quando os pescadores trazem em média 300/400 quilos de peixes, sendo sua maioria peixe de primeira, como Cioba, Dourado, Cavala.

Um volume bem menor é pescado em baiteiras ou catraias, próprias ou alugadas. Este pescado ou é vendido nas peixarias que são de pescadores ou pessoas que estão neste setor a muito tempo) ou pelo próprio pescador na praia ou em isopores na calçada.

É importante destacarmos que o pescador que se encontra num ciclo também pode ser encontrado no outro. Ou seja, ele pode pescar tanto em *mar de fora* quanto nas horas em que está de volta, no *mar de dentro*.

No que pude presenciar e nas declarações dos mesmos o espaço de vida do pescador é no mar e, quando em terra, na praia. Sobra pouco tempo para estar em “casa”. Sua vida se constrói mesmo em referência ao mar.

Na produção do *mar de dentro* o pescador vende o quilo do peixe em média por 6 reais, mais que o triplo do valor pago pelo dono do barco⁴⁶. Contudo ele tem que pagar o aluguel da baiteira, e o volume é bem menor. Se no *mar de dentro* temos de 80 a 100 quilos para cada um, neste caso temos de 10 a 15 quilos para o pescador e este dá uma parte ao ajudante que foi com ele; isto quando não vai só.

Esta descrição que dá idéia da organização social dos pescadores do Carmo, Olinda. Pelo menos do comércio realizado, como este circula no espaço observado, como as pessoas se movimentam junto com este pescado e que fins são alcançados neste movimento, que é cíclico.

⁴⁶ Lembrando que este tem que tirar o “custo da saída” (R\$ 600,00).

Idas e vindas, mar, terra, praia, constituem um espaço que se move e é pulsionado por interesses e lógicas de vida diversos de pescadores, que são donos de barcos, que não são, de peixeiros, de barraqueiros, em graus diferentes e com intensidades e significados diferentes. O pescado circula, estabelecendo vínculos entre as pessoas.

As relações sociais estão totalmente interligadas ao movimento deste espaço, no comércio, nas horas de lazer, de partilhar, de companheirismo, de solidariedade, de perpetuar a tradição (na Festa de São Pedro), enfim na totalidade.

Na busca de compreender melhor este funcionamento, lido com as duas dimensões presentes neste espaço: real e imaginário.

CAPITULO II: CONSTRUINDO A IDENTIDADE DO PESCADOR

O Pescador pelo Pescador

A proposta neste momento é discutir o espaço social do pescador, enfocando suas construções identitárias, seus valores, seus conhecimentos, os saberes desta arte, saberes da tradição, que são, sempre que possível, lembrados e homenageados pelos mesmos.

Trata-se de um conhecimento que ultrapassa gerações, e influencia toda a vida de parcela de determinadas populações, consideradas urbanas, ou praieiras, mas que têm um envolvimento com o mar e com a pesca, o que as torna singulares, com um modo específico de vida e de reprodução social.

O fio condutor que guiará as discussões que envolve a identidade do pescador é a letra de um Coco, de uma canção e um poema⁴⁷, selecionadas porque tematizam características da identidade dos pescadores.

Trata-se de um Coco intitulado *Tumbada* cantado no dia da Festa de São Pedro, a canção é *Iansã* que integra o CD *Diamante Verdadeiro* de Maria Bethânia, com letra de Caetano Veloso e Gilberto Gil. O poema *Sonho das Tempestades* de Manuel Alegre, também é recitado por Maria Bethânia no mesmo CD.

Esses três registros contêm aspectos encontrados na vida do pescador. São imagens, palavras, histórias, que constroem e reconstróem uma nova história com atores vivos e mortos, mas presentes na vida e na memória daqueles que contam e cantam a história da pesca e de pescadores.

⁴⁷Músicas: Coco tocado na Festa de São Pedro, *Tumbada; Iansã* de Caetano Veloso e Gilberto Gil; Poema: *Senhora das Tempestades*, de Manuel Alegre

Gaston Bachelard, em *A Água e os Sonhos*, nos coloca:

“Quando se lê uma obra com esses novos meios de análise, participa-se de sublimações muito variadas que aceitam imagens distantes e que dão impulso à imaginação em múltiplos caminhos. A crítica literária clássica entrava esse impulso divergente... ela remete as obras literárias a uma experiência psicológica obsoleta, a uma experiência repisada, a uma experiência fechada. Simplesmente esquece a função poética, que é dar uma nova forma ao mundo que só existe poeticamente quando é incessantemente reimaginado.”

Na tentativa de focar esta função poética referida por Bachelard, buscamos reimaginar este espaço, através da interpretação dos três registros citados que focalizam a identidade do pescador pelo pescador.

E como reimaginar é também lembrar, temos a memória dos pescadores se reconstruindo a todo momento, ela é a confirmação de uma identidade, um prática tradicional, que se renova. Ressalto que o que ocorre é a lembrança, se vive novamente, um passado que é presente. (BALANDIER, 1997)

Passemos para a letra do Coco:

TUMBADA

*Eu sou guia do mar e também sou pescador,
Lá vem Tumbada
Ele vem do mar de fora
Por cima do mar rola
Cuidado pra não virar*

*Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar
Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar*

*Oi Tumbada é filho do vento
Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar*

*Eu tive um sonho
Mestre Israel falou (mestre de pesca antigo, já falecido)
Que eu sou o guia do mar, e também sou pescador*

Lá vem Tumbada

*Ele vem do mar de fora
Por cima do mar rola
Cuidado pra não virar*

*Tumbada ele é jangadeiro
Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar*

*Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar*

*O jangadeiro tem que manter a tradição
Navegar de madrugada
Não perde o caminho de casa, sob a luz do lampião*

*Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar
Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar*

*Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar
Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar*

*Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar*

O Pescador, Filho Do Vento

O Coco foi feito em homenagem a um jangadeiro antigo de nome Tumbada, por um compositor de cocos conhecido pelos pescadores do lugar, informou um deles: *é Deto cantador de coco de Amaro Branco, é pescador e cantador de coco, toda a família dele é da pesca:*

*Eu sou o guia do mar e também sou pescador,
Lá vem Tumbada
Ele vem do mar de fora
Por cima do mar rola
Cuidado pra não virar*

Podemos perceber logo de início que o pescador se identifica como um guia, o guia do mar, pois possui um conhecimento, um saber singular para tal. Pode guiar o barco, a jangada, e aqueles que precisam de uma orientação no mar. É através deste saber que é passado de geração em geração, que constrói e reconstrói uma tradição, um modo de vida que o torna único, guia do mar e da vida.

O *mar de dentro*, ou o *mar raso*, é onde encontramos a maioria dos barcos de pequeno porte, as baiteiras, catraias que além de responsáveis por este tipo de pesca, vão amarradas aos barcos já de médio porte, para o mar de fora ou alto mar.

No mar é preciso estar atento, o equilíbrio, senão a onda pode fazê-lo cair. O pescador tem que guiar a jangada para o seu peixe encontrar.

*Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar
Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar*

Como é *filho do vento*, o pescador, *furacão do mar*, retorna aos deuses antigos, revive antigos mitos.

Quem sabe reviver Netuno, a principal das divindades da água, cujo símbolo de poder era o tridente (lança de três pontas), que usava para abalar os rochedos, desencadear ou acalmar as tempestades e sacudir as costas, seus cavalos tinham patas de bronze e crinas de ouro que puxavam seu carro sobre o mar, que se acalmava diante dele. (BULFINCH, 2000)

Apesar de trabalhar para suprir suas necessidades e também para reafirmar sua condição de filho do vento, o pescador exerce sua atividade com leveza e liberdade.

Embora não possua como Netuno, um carro puxado por cavalos para navegar, e sim barcos; detém um saber que também o faz pairar sobre o mar. Não desencadeia ou acalma tempestades, mas aprendeu a conviver com elas.

Como *furacão do mar*, é forte e consegue se salvar da morte e dos perigos.

Este espírito leve é o que o torna singular, “*nós somos libertos*”, certa vez disse-me um pescador. Eles são trabalhadores peculiares, possuem uma lógica própria de vida que muitas vezes não é compreendida pela nossa sociedade.

Disse-me um outro pescador “*eu pesco quando quero, quando não quero não vou pra maré*”. Isto pode ser interpretado como preguiça numa lógica de mercado global, porém o que ocorre é uma falta de conhecimento e reconhecimento de uma outra lógica diferente da nossa.

Os pescadores seguem uma lógica livre, voltada para satisfação de suas necessidades; seu trabalho é significado de liberdade, reconhecimento de valores e de reprodução de um modo de vida. Uma lógica na qual os mesmos jamais se reconhecem como mão de obra, com um valor de troca.

*Eu tive um sonho
Mestre Israel falou
Que eu sou o guia do mar, e também sou pescador*

É muito importante a referência a uma memória viva, que se reconstrói a cada lembrança dos mestres de pesca, o sonho aí é uma memória que faz o saber tradicional, e garante sua reprodução. (BOSI, 1994)

Atualmente encontramos filhos de pescadores, por influência da cultura global, que não querem seguir o mesmo ofício dos pais, e optam por outras profissões.

Por outro lado, encontramos uma espécie de retorno, o resgate e apreensão destes saberes, por parte dos filhos de pescadores, que excluídos deste mercado global, cada vez mais restrito, retornam para a pesca.

Talvez, e ao contrário do que se pense sobre este processo de globalização, no qual tudo estaria se tornando homogêneo (BALANDIER, 1997), continua mais intensa do que nunca, a fim de enfrentar o advento da globalização.

*O jangadeiro tem que manter a tradição
Navegar de madrugada
Não perde o caminho de casa, sob a luz do lampião*

Esta estrofe nos remete mais uma vez à essência do pescador seu saber, seu conhecimento, suas práticas. Primeiro a referência e preocupação com a tradição e em mantê-la. (BALANDIER, 1997). Resgata o uso, ou melhor, apresenta um dos instrumentos de trabalho do pescador, o lampião, que além de orientá-lo durante as pescarias de madrugada, também é usado para atrair os peixes.

A tradição se mostra presente através dos saberes evidenciados na prática da pesca, uma atividade que se reproduz já a várias gerações.

Esse capital cultural construído e transmitido (MORIN, 2003) é, sempre que possível, lembrado e relembado nas histórias de vida dos pescadores, está presente em suas imagens, rituais (Festa de São Pedro) enfim em sua vida, de terra, praia e mar, nos momentos de trabalho e também nos de lazer, quando com sua família e amigos compartilha e canta com orgulho sua tradição.

De acordo com Bachelard :

“Podemos então perceber que a imagem é uma planta que necessita de terra e céu, de substância e de forma... As imagens poéticas têm, também elas, uma matéria.”
(BACHELARD, 2002:.03)

As imagens poéticas trazidas pelo coco *Tumbada* construídas a partir desta substância que é a vida no mar, podem ganhar materialidade através de práticas. Dessa forma, há o tempo todo uma influencia mútua entre a poética e a materialidade com o fim de expressar o universo da pesca.

Nesse âmbito, podemos pensar sobre as relações entre técnicos e o saberes da tradição. Acho interessante descrever a fala de um pescador experiente, seu Cleodon de 69 anos:

“Nós temos agora um aparelho com o nome de GPS, que nós já sai daqui sabendo onde pescar, só é nós ligar ele e nós já sabe, quando chega em cima do pesqueiro, ele zera aí é só fazer a ancorada, de acordo com a água aí nós puxa pra fazer a ancorada melhor né, a gente não sabe o que a água tá fazendo...”

É altamente significativa a declaração do pescador, pois expressa a confiança no conhecimento tradicional. Mesmo querendo falar sobre o aparelho moderno usado no barco, não deixa escapar que o lugar onde pesca é conhecido através de marcas⁴⁸ nas pedras, para saber a localização dos barcos pesqueiros naufragados, local de grande quantidade de peixes.

Podemos identificar mais uma vez que o saber da tradição legitima o saber tecnológico, convivendo lado a lado com o mesmo. É a tradição se mostrando presente na construção da identidade do pescador

Sobre isto Simone Maldonado coloca:

“Grande é a relevância da capacidade de “marcar” dos Mestres, tanto para a segurança dos pescadores e para o bom desempenho da pesca, como para a expressão dos processos simbólicos de que se constituem também as relações entre os pescadores individualmente e entre os botes. Os conhecimentos tradicionais que viabilizam a identificação das zonas produtivas do mar e de orientação no “alto” de onde não se avista terra, têm sido considerados como capacidades cognitivas típicas dos pescadores.” (MALDONADO, 1993: 99)

A localização destes pesqueiros revela o conhecimento de pescadores experientes e a relevância do saber tradicional. No momento em que fala *em cima dos pesqueiros... a gente não sabe o que a água tá fazendo...*, ele legitima a informação com base na dialogia entre a tradição e a técnica (MORIN, s./d.)

⁴⁸ As conhecidas marcas de pesca, *lugar de pedra marcada*. (MALDONADO, 1993)

A ressalva, *de acordo com a água*, quando de acordo com as ondas e ventos, o pescador pode sentir como está a água, e se podem ancorar, e iniciar a pescaria. Este conhecimento é da tradição; é este envolvimento, que faz do pescador também parte do mar, criando um espaço simultaneamente natural e cultural (MORIN, *idem*)

A incerteza presente na atividade pode ser apreendida na afirmativa *a gente não sabe o que a água tá fazendo*, pouco a pouco aprende-se a viver com ela. O pescador já apreendeu que não pode controlar tudo, existem momentos e situações que não podem ser conhecidos e explicados.

*Tumbada ele é jangadeiro
É o furacão do mar
Tumbada é filho do vento
É o furacão do mar
É o furacão do mar
É o furacão do mar
É o furacão do mar*

Essas imagens do vento e furacão do mar encontram ressonância na canção de Iansã:

“Senhora das nuvens de chumbo, Senhora do mundo dentro de mim, Rainha dos raios, Rainhas dos raios, Rainha dos raios, tempo bom, tempo ruim, Senhora das chuvas de junho, Senhora de tudo dentro de mim, Rainha dos raios, Rainhas dos raios, Rainha dos raios, tempo bom, tempo ruim, Eu sou o céu para as tuas tempestades, Um céu partido ao meio, No meio da tarde, Eu sou o céu para as tuas tempestades, Deusa pagã dos relâmpagos, Das chuvas de todo ano, Dentro de mim, Rainha dos raios, Rainhas dos raios, Rainha dos raios, tempo bom, tempo ruim.”⁴⁹

Iansã é a Rainha do Vento, dona das tempestades, dos raios e relâmpagos. É ela que pulsa nas histórias de mar e de vida, das investidas, que tanto significa produção, abundância, como também traz consigo a insígnia de perigo, de tempestades, de ventos fortes, furacões: *tempo bom e tempo ruim*.

⁴⁹ Autores: Caetano Veloso – Gilberto Gil, canção inclusa no CD *Diamante Verdadeiro* de Maria Bethânia, 1999.

Diz um pescador

... é a vivência da gente no mar, temporal ... um temporal no mar né, passar a noite no mar com medo de acontecer qualquer acidente com a gente no navio...”

(Seu Cleodon)

É em meio aos ventos que se desenvolve a pesca, pois eles orientam a atividade.

Todas estas características da atividade pesqueira compõem um cenário no qual se torna cada vez mais difícil categorizar ou delimitar fronteiras rígidas entre o pescador artesanal, comercial. Entendo que ele é além de produtor, um ser que interage e constrói um modo de vida seu. Talvez possamos falar de um pescador múltiplo, aquele que na nossa sociedade atual, busca uma tradição que se redefine constantemente, é dinâmica, pois está sempre aberta às ocorrências ao seu redor.

Nesse sentido ressalto que as relações neste espaço, não são apenas motivadas pelo comércio, envolvem vínculos de amizade, confiança, competição; relações que nem sempre se reduzem a pagamentos e dívidas, mas que também expressam companheirismo e satisfação pessoal.

A compreensão deste espaço da pesca supõe a discussão de algumas características presentes na identidade de pescador: a questão da união e desunião, o individualismo e a solidariedade.

Quando estão no mar, embarcados, e em momentos de dificuldade (atravessando uma tempestade) percebemos uma união e solidariedade.

“...é um ajuda o outro, se o peixe for muito grande e aquele que ferrou não puder botar ele prá cima, então o outro vai que tem arpão ajuda a botar prá cima, todos que tão embarcados ajuda o outro, todos eles... cada um faz uma coisa, ou todo mundo faz a mesma coisa, um arreia a linha, outro deixa a linha e vai fazer um café, vai fazer um almoço, vai cuidar de amarrar outros anzóis, e assim sempre tem serviço no barco.”⁵⁰

(Seu Tonho)

Porém em outro depoimento de outro pescador este autodefine a classe como uma classe desunida:

⁵⁰ Podemos identificar aí a “Família da Pesca”, onde todos se relacionam como uma família.

“somos uma classe muito desunida, quando um vê um melhorando de vida diz logo que está roubando... um quer sempre mais do que o outro, é por isso que não faz nada, cada um só que saber do seu...”

Refletindo sobre isto, parece que esta desunião se junta a outras características: a individualidade e competitividade. Estas se iniciam logo no desembarque, no momento em que o pescador começa a divisão da produção para o comércio. Como já foi dito, esta divisão tem como base as marcas de cada pescador, que são feitas nos peixes. Nota-se aí que a preocupação com o Outro é deixada de lado. Cada um deles passa a brigar pelo seu, pois se centram na garantia de sobrevivência sua e dos familiares.

Assim, as características que ajudam a moldar esse espaço convivem, simultaneamente, de forma concorrente, contraditória e complementar (MORIN s./d.) para garantir a construção e reprodução da identidade do pescador

As Imagens do Espaço da Pesca

Na tentativa de identificar e compreender as características do pescador busco apoio neste momento no poema de Manuel Alegre, que mais uma vez nos remete à análise do imaginário deste homem singular:

“Senhora das Tempestades” Poema de Manuel Alegre

*Senhora das tempestades e dos mistérios originais
Quando tu chegas, a terra treme do lado esquerdo
Trazes a assombração
As conjunções fatais
E as vozes negras da noite
Senhora do meu espanto e do meu medo
Senhora das marés vivas e das praias batidas pelo vento
Senhora do vento norte com teu manto de sal e espuma
Há uma lua do avesso quando chegas
Há um poema escrito em página nenhuma*

Quando caminhas sobre as águas Senhora dos sete mares
Conjunção de fogo e luz
E no entanto eclipse
Trazes a linha magnética da minha vida
Senhora da minha morte
Quando tu chegas, começa a música
Senhora dos cabelos de alga
Onde se escondem as divindades
Trazes o mar, a chuva, as porcelanas
Batem as sílabas da noite
Batem os sons, os signos, os sinais
E és tu a voz que dita
Trazes a festa e a despedida
Senhora dos instantes com tua rosa dos ventos
E teu cruzeiro do sul
Senhora dos navegantes
Com teu astrolábio e tua errância
Tudo em ti é partida
Tudo em ti é distância
Tudo em ti é retorno
Senhora do vento
Com teu cavalo cor de acaso
Teu chicote, tua ternura
Sobre a tristeza e a agonia
Galopas no meu sangue com teu cateter chamado
Pégaso
Senhora dos teoremas e dos relâmpagos marinhos
Senhora das tempestades e dos líquidos caminhos
Quando tu chegas, dançam as divindades
E tudo é uma alquimia
Tudo em ti é milagre
Senhora da energia

Senhora das tempestades, do vento, das marés vivas, Iansã, divindade que se mostra mais uma vez, agora através do poema, presente nas imagens da pesca.

O poema apresenta temáticas pertinentes para análise do mundo da pesca, os mistérios do mar, a orientação, o movimento que é circular, a *partida, distância e retorno*. O conhecimento do pescador sobre instrumentos de navegação e do espaço marítimo, fazendo com que ele paire sobre *líquidos caminhos*.

Através das *chuvas, tempestades* e um mar de *sal e espuma* o pescador vive, produz e se reproduz, sendo um trabalhador singular, se orienta pelo cruzeiro do sul, rosa dos

ventos, pelos sinas das pedras encontra os melhores locais para a pescaria, muitas vezes locais onde existem navios naufragados e maior quantidade de peixes.

Sendo o Pescador filho do vento, não poderíamos deixar de trazer a *linha magnética* que o liga com a *Senhora do Vento, Senhora da energia, e tudo é uma alquimia*.

O poema descreve diretamente aspectos da vida de pescador. As imagens e construções simbólicas são por deveras pertinentes para discutirmos sobre o espaço da pesca, a relação com a natureza, com o mar; os sentimentos de alegria, tristeza e saudades envolvidos neste universo.

Segundo o poeta, trata-se de um mundo impregnado de segredos, mistérios. Crenças, valores, tradições, contradições, que se completam e constroem o espaço que é real e imaginário (DURAND, 2001)

Segundo Bachelard (2002:.02):

“as imagens da matéria, nós as sonhamos substancialmente, intimamente, afastando as formas, as formas percíveis, as vãs imagens, o devir das superfícies. Elas têm um peso, são um coração.”

Ou seja, as imagens mostram a *origem do ser falante* (Idem, 2002), o sentir é então essencial para se chegar nas profundezas das imagens. Através delas nos expressamos, mostrando a forma e a substância do ser.

As imagens pertencem à intimidade do ser, são sonhadas, fazem parte dele. Estas imagens estão em nós e se expressam nas nossas formas de pensar, sentir e agir.

Segundo Bachelard:

“As imagens imaginadas são antes sublimações dos arquétipos do que reproduções da realidade. E como a sublimação é o dinamismo mais normal do psiquismo, poderemos mostrar que as imagens saem do próprio fundo humano.”
(BACHELARD, 1991: 03)

Sendo assim as construções identitárias deste espaço da pesca são compostas de imagens que foram e são elaboradas a partir deste fundo humano, neste caso o arcabouço de práticas e saberes tradicionais que envolvem os pescadores.

O espaço da pesca se expressa nas imagens da água, do peixe, do fogo, das tempestades, dos astros, do medo, da morte, do risco, do individual, do coletivo; ou seja, em sentimentos e emoções, que confirmam o fato de que as *imagens são coração*.

E na condição de coração estas imagens também estão sempre pulsando dentro de nós, seres humanos, que vemos, guardamos, ressignificamos e sonhamos com as imagens que nos envolvem. *É pela imagem que o ser imaginante e o ser imaginado estão mais próximos.*(BACHELARD, 1991:04) Como perceber, sentir, imaginar o seu interlocutor ? As imagens de fato nos aproxima, ele nos possibilitam uma adequação maior com o real.

Somos levados por um mundo de devaneio que não pode ser explicado em termos de causa e efeito. Contudo é fundamental ressaltar que são imagens que nos remetem a uma dimensão mais profunda do universo pesquisado; nesse caso a pesca. Mesmo que elas não se apresentem tão claramente, mas as verdadeiras imagens são aquelas encontradas nas esferas mais profundas do ser.

Mas passemos agora a trabalhar as imagens. Iniciaremos com esta citação de Bachelard em *A Água e os Sonhos*, sobre a tempestade:

“A tempestade entra então no seio das ondas, é também ela uma espécie de substância agitada, um movimento intestino que se apodera da massa íntima, é “um marulhar breve e atormentado em todos os sentidos”.(2002: 107)

A tempestade que está presente no imaginário do pescador, traz aflição, medo e desolação. Como podemos perceber no depoimento abaixo:

“... no inverno é perigoso, porque fica ventando muito, chovendo muito. Ai geralmente muitos não querem ir pró mar ...”

(Seu Pedro, pescador)

Continuando com a imagem da tempestade passemos para uma citação bíblica:

A tempestade acalmada

Num daqueles dias ele subiu com os seus discípulos a uma barca. Disse ele: “Passemos à outra margem do lago.” E eles partiram. Durante a travessia, Jesus adormeceu. Desabou então uma tempestade de vento sobre o lago. A barca enchia-se de água, e eles se achavam em perigo. Aproximaram-se dele então e o despertaram com este grito. “Mestre, Mestre! Nós estamos perecendo!” Levantou-se ele, e ordenou aos ventos e à fúria das águas que se acalmassem; e se acalmaram e logo veio a bonança. Perguntou-lhe, então: “Onde está a vossa fé? Eles, cheios de respeito e de profunda admiração, diziam uns aos outros: “Quem é este a quem os ventos e o mar obedecem?”

(Lucas, cap.8, vers.22)

Neste texto bíblico percebemos que junto com a tempestade, vem o medo, a insegurança, a fúria, um mar revolto, águas, ondas incessantes e incontroláveis. Enquanto na antiga Grécia, Netuno o Deus das águas, era o único capaz de acalmar as tempestades, entre os cristãos é Jesus quem o faz. Na verdade tais divindades reafirmam a crença da humanidade em deuses e profetas protetores daqueles que vão para o mar.

As imagens originadas a partir deste texto nos remetem para novas imagens dos mestres de pesca, concebidos a imagem e semelhança de Deus. Embora não possam fazer cessar ventos e a fúria do mar, poderão combinar o saber com o sentir para não afundar.

Os sentimentos estão presentes e aflorando. A angústia, o medo, estão presentes nas imagens da tempestade, um obscurecimento do céu, nuvens escuras, tudo isso amedronta os pescadores, o risco está presente e a insegurança toma conta do ambiente. *“A água misturada com a noite é um remorso antigo que não quer dormir.”*(BACHELARD, 2002:107)

A noite tem vozes, que muitas vezes são negras, causando medo e espanto.

Uma outra imagem que devemos destacar é o mar, o lugar dos pescadores, onde constróem e reconstróem suas práticas tradicionais. O mar se desdobra em outras imagens que colaboram na constituição da identidade dos mesmos.

“O mar é para todos os homens um dos maiores, um dos mais constantes símbolos maternos. O mar realidade, por si só, não bastaria para fascinar, como o faz, os seres humanos. O mar canta para eles um canto de duas pautas, das quais a mais alta, a mais superficial, não é a mais encantatória. É o canto profundo... que, em todos os tempos, atraiu os homens para o mar.” (Marie Bonaparte) “Esse canto profundo é a voz maternal, a voz de nossa mãe(Bachelard): “Não é porque a montanha é verde ou o mar azul que nós os amamos, ainda que demos essas razões para a nossa atração; é porque algo de nós, de nossas lembranças inconscientes, no mar azul ou na montanha verde, encontra um meio de se reencarnar. E esse algo de nós, de nossas lembranças inconscientes, é sempre e em toda parte resultado de nossos amores da infância, desses amores que a princípio se dirigiam apenas à criatura, em primeiro lugar à criatura-abrigo, à criatura-nutrição que foi a mãe ou a ama de leite...” (.BACHELARD, 2002: 371)

Neste sentido poderíamos dizer que os pescadores são duplamente atraídos por este mar. Num primeiro momento por este mar-mãe, *criatura-abrigo*; e num segundo momento o mar, espaço de produção e reprodução, da vida a partir e além do cordão umbilical, que continua alimentando seu corpo e sua alma.

Trata-se do arquétipo da Grande Mãe, o mais universal de todos, que se desdobre tanto em Iemanjá quanto em Nossa Senhora da Conceição. (DURAND, 1989)

Num movimento contínuo, o homem-pescador nasce e se alimenta da água:

“água viva, a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a água que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos corredios, o elemento vegetante, o elemento lustrante, o corpo das lágrimas...”(BACHELARD, 2002:.12,)

A água das tempestades, das marés, do mundo e das imagens da pesca. Aquela que nutre uma identidade, um saber, que escoia no imaginário dos homens do mar, como elemento essencial.

Elemento de combinação, água para os pescadores é sinônimo de pescaria, peixe, produção, reprodução, vida, morte...

A água do mar, também traz consigo um mundo de significados para o espaço da pesca, para suas vidas, assim como também para suas perdas. As águas das tempestades que

fazem naufragar barcos, canoas, levando consigo vidas, almas para além de nossa imaginação.

Mas o que seria este além?

Bachelard já nos disse: *“Ultrapasse o imaginável e terá uma realidade suficientemente forte para perturbar o coração e a mente.”* (2002: 106)

Estamos o tempo todo em busca deste além, sem saber que a linha que nos separa dele, é uma linha tênue e imaginária. Queremos romper esta linha, ter uma imagem clara, dar vazão a imaginação formal. Contudo é através das imagens profundas que conseguimos vislumbrar esse além.

O Outro que partiu para não mais, se aproxima de nós através da pulsação da imaginação material. É ela que possibilita nossa eterna composição e combinação com o outro e a partir do outro, fomentada no imbricamento entre o real e o imaginário, de que somos feitos.

CAPITULO III: O ESPAÇO DO PESCADOR

Espaço da Pesca

O espaço social da pesca, é onde pescadores realizam seu ofício, onde vivem, onde se reproduzem enquanto parcela das populações tradicionais, um espaço que é conhecido, habitado, quando torna-se lugar. (TUAN, 1983)

O pescador conhece o ambiente em que vive, é parte deste ambiente, logo devemos pensar em um aprender que se constrói constantemente no imbricamento natureza e cultura. (MATURANA, 1995)

A prática tradicional da pesca envolve a habilidade espacial, o conhecimento dos caminhos do mar. Para a população de pescadores o conhecimento tradicional se mistura com o saber formal, não é novidade o uso de aparelhos mais sofisticados como GPS, ou seja, a tecnologia não se opõe à tradição, ao contrário, elas se complementam. O problema está na forma perversa que vem sendo usado o desenvolvimento tecnológico.



Nesta foto podemos observar o compartilhar do espaço, a tradição e a modernidade.

Simone Maldonado nos descreve a noção de lugar, do espaço da pesca:

“A noção de lugar não só é importante na constituição da experiência pesqueira no que se poderia chamar a sua dimensão êmica, como do ponto de vista analítico, porque falar de espaço é falar de algo amplo, imenso, indiviso como o mar ou como o céu quando se o chama de infinito. O lugar, a existência local dos fenômenos tanto no espaço físico como no espaço social é que lhes oferece essência, significado e transcendência. É localmente que nos situamos e é localmente que as coisas acontecem.” (MALDONADO, 1993:34)

É neste sentido que busco compreender o espaço da pesca, enquanto lugar que reúne as dimensões natural e cultural, espaço no qual as imagens se constroem e refletem a vida vivida do pescador. Vida, realidade, invadida por imagens de mar e terra, e que possibilitam a reprodução de um saber tradicional, que é dinâmico e criador. Este saber é construído a partir deste espaço, o pescador é natureza, e como parte dela pode senti-la e compreendê-la.

O Saber de Pescador: Natureza e Cultura

O saber dos povos da tradição como os pescadores é muito mais complexo e sofisticado do que podemos imaginar.

“A extrema familiaridade com o meio biológico, a atenção apaixonada que lhe dão, os conhecimentos exatos a ele relacionados, têm, freqüentemente, impressionado os pesquisadores, pois demonstram atitudes e preocupações que distinguem os indígenas de seus visitantes brancos.” (LÉVI-STRAUSS, 1970: 24)

Lévi-Strauss entende que o pensamento e saber dos povos da tradição envolvem a realidade das relações destas populações com o meio natural.

Assim como os povos indígenas os pescadores apresentam este imbricamento com o meio, no qual vivem boa parte de sua vida. O mar passa a ser conhecido, porque é vivido todos os dias por estes homens do mar.

“concluir-se-ia... que as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam úteis; elas são classificadas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas.”(LÉVI-STRAUSS, 1970: 29)

É importante observarmos que este saber é construído com base em um modo diferente de ver o mundo, no qual as coisas significam muito mais do que a primeira vista possam parecer; existe um interesse pelo que não é diretamente útil. Contudo quando se vive e se respira em um ambiente, você passa a observá-lo e compreendê-lo de outra forma, ao ponto de sentir nuances importantes, difíceis de serem compreendidas por olhos leigos.

Devemos refletir e pensar em se tratando de populações tradicionais, que o conhecimento do meio, espécies animais e vegetais, não são importantes porque são úteis, elas são úteis, porque são boas para pensar. Sendo posteriormente classificadas como úteis ou interessantes (Idem).

Este saber busca responder primeiro a exigências intelectuais, e não a satisfação de necessidades, é o que Lévi-Strauss denomina de “Ciência do Concreto”. O importante é ressaltar que esta forma de pensar a partir de uma outra lógica, reflete uma forma diferente de sentir e ordenar o mundo denominada pelo autor de “Pensamento Selvagem”.

Na pesca, o conhecimento sobre a natureza, é o conhecimento de si e daquilo que pode prejudicá-lo e/ou reproduzi-lo, enquanto criador de um saber tradicional.

Segundo Antônio Carlos Diegues (1995), existem dois sistemas de produção que se articulam: o social e o natural. Se o nível de desenvolvimento das forças produtivas sociais é pequeno, o homem passa a viver ao ritmo das forças produtivas da natureza; caso aumente o nível deste desenvolvimento, o homem consegue um controle maior dos recursos naturais,

interferindo muitas vezes desastrosamente sobre os ciclos de reprodução dos ecossistemas naturais.

Nesse sentido, os pescadores destacam alguns elementos que possibilitam um certo controle da atividade. A água é um elemento essencial, pois sua temperatura estando muito fria, o peixe não se locomove e fica sem apetite, e, estando quente permite que se locomova vagarosamente, mas não procura comida, devido a pouca movimentação.

Segundo eles o ideal é que a temperatura da água esteja no seu estado normal, quando a vida dos peixes também se normaliza, pois nesse caso se movimentam e vão em busca de alimento.

“No tempo de lua geralmente o mar está muito claro é difícil de pegar a isca, que é de peixe grande, então ninguém sai, tem uns que sai, mas geralmente a maioria não sai, só gosta de pescar mais no escuro.”

(Seu Tonho, pescador)

Para saber de tudo isto, ou seja, como perceber estes detalhes para obter uma boa pescaria, o pescador precisa conhecer o costume dos peixes, a força do mar, enfim estar em sintonia com este espaço natural.

“Assim no inverno a gente enfrenta o mar muito forte, muito vento, no verão o mar é calmo, é melhor...”

(Seu Cleodon, pescador)

A Lógica do Espaço da Pesca

Vive-se hoje num mundo de incertezas, um mundo cada vez mais voltado à uma valorização do lucro, do poder; uma lógica de mercado que lança mão de todos os artificios, para manipular e destruir aqueles e aquilo que pode lhes ameaçar (BALANDIER, 1997).

Entretanto diante desta avalanche pode-se dizer que existem e persistem outras lógicas, outras formas de ver este mundo e de viver, respeitando os homens e o meio em que está imerso. As populações tradicionais também estão inseridas ensinando as pessoas a

reaprender a viver, de acordo com valores mais solidários e uma ética fraternária (MORIN, s./d.)

Podemos perceber que os pescadores são assim possuidores de uma cultura tradicional específica. Neste sentido também apontam as reflexões de Antonio Carlos Diegues (1998: 82):

“...as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado já existe, mas não é total. Essas populações desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural; como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela idéia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos.”

Os espaços de vida são vistos por populações tradicionais, como no caso dos pescadores, como algo que lhes pertence: *“ a terra onde viveram seus antepassados, o espaço coletivo no qual se realiza seu modo de vida distinto do urbano industrial.”* (DIEGUES,1998: 65).

As populações tradicionais têm uma relação diferenciada com o espaço que habitam; que se expressa na ultrapassagem das relações materiais e que resulta na construção de suas representações simbólicas. Na sua forma específica, de se relacionar com os recursos naturais e de reproduzir sua condição, tudo é visto como algo além do materialmente visível, posto que envolve sua identidade e representações de pertencimento, de inserção no mundo.

As populações tradicionais por apresentarem uma lógica diferente, são desacreditadas e excluídas. Mas essas populações reagem na tentativa de mostrar que o seu conhecimento não foi dizimado e que, ao contrário disso, permanece e se renova a todo momento apesar de tudo.

Esta população se reproduz com base em um conhecimento que se fortalece, apesar da falta de apoio, como nos mostrou os dados houve um crescimento da produção pesqueira em todos os municípios do estado. Assim como também pude constatar o aumento

no número dos barcos no Carmo. Estes dados são evidências de uma resistência efetiva de uma população de pescadores tradicionais.

Os pescadores continuam inseridos na sociedade mais ampla, não só em locais afastados, em pequenos municípios litorâneos, mas também estão presentes em centros urbanos como é o caso dos pescadores do Carmo, em Olinda.

O pescador possui outra lógica, embora trabalhe e conviva com o mercado não assimilou ou não aceitou as regras impostas por ele.

“O paradoxo só admite uma solução: é que há duas formas distintas de pensamento científico, ambas funções, não certamente de estágios desiguais do desenvolvimento do espírito humano, mas de dois níveis estratégicos, onde a natureza se deixa atacar pelo conhecimento científico: um aproximadamente ajustado ao da percepção e da imaginação, e outro sem apoio; como se as relações necessárias, objetivo de toda ciência, seja neolítica ou moderna, pudessem ser atingidos por dois caminhos diferentes: um muito perto da intuição sensível e o outro mais afastado.” (LÉVI-STRAUSS, 1970: 36)

Segundo tal formulação, o pescador segue o caminho mais próximo da intuição sensível, no qual busca apoiar suas estratégias na imaginação e na percepção. Trata-se, pois, de uma outra lógica, em que busca fazer aquilo que lhe realiza, de forma livre. Esta liberdade é o que pulsa quando falamos do ser pescador. É deste modo que eles quase sempre se autodefinem:

“como pescador dá prá viver, não dá prá fazer tudo que a gente quer, mas pelo menos sou livre, vou pro mar quando quero, quando não quero não vou... mas não vivo estressado como os doutor...”

Este aspecto é muito significativo para reprodução do ser pescador, a liberdade para ir e vir. Por não ter um patrão eles podem optar, têm o direito de satisfazer suas vontades.

O pescador do Carmo tem seu momento de trabalho no mar, mas não dispensa seus momentos de lazer, do jogo de dominó com os amigos em frente a colônia, de *tomar*

uma, depois do desembarque, de ficar olhando a praia e a movimentação na calçada da orla, enfim seu tempo é sempre dividido entre o trabalho e o lazer.

O modo como eles se auto-identificam está repleto de imagens que derivam de seu envolvimento com o meio de produção referido, com as relações estabelecidas entre eles e com os outros. Diferentemente das restrições impostas aos trabalhadores pelo mundo urbano-industrial. Constituem-se assim, como uma categoria singular, de “trabalhadores do mar”.

CAPÍTULO IV: A FESTA DE SÃO PEDRO

Pesca Milagrosa

“Estando Jesus um dia à margem do lago de Genesaré, o povo se comprimia em redor dele para ouvir a palavra de Deus. Vendo duas barcas estacionadas à beira do lago – pois os pescadores haviam descido delas para consertar as redes – ,subiu a uma das barcas que era de Simão, e pediu-lhe que afastasse um pouco da terra; e sentado, ensinava da barca o povo.

Quando acabou de falar, disse a Simão: “Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para pescar.” Simão respondeu-lhe: “Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas por causa de tua palavra, lançarei a rede.” Feito isto, apanharam peixes em tanta quantidade, que a rede se lhes rompia.

Acenaram aos companheiros, que estavam na outra barca, para que viessem ajudar. Eles vieram e encheram ambas as barcas de modo que quase iam ao fundo. Vendo isso, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus e exclamou: “Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.” É que tanto ele como seus companheiros estavam assombrados por causa da pesca que haviam feito. O mesmo acontecera com Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus companheiros. Então Jesus disse a Simão: “Não temas; doravante serás pescador de homens.” E atracando as barcas à terra, deixaram tudo e o seguiram.” (BÍBLIA, Lucas, cap.4 e 5)

É a partir desta história de São Pedro, que os pescadores de diversos locais o reverenciam no dia 29 de junho, pois esperam através dessa crença conseguir a bênção do Santo protetor e provedor das boas pescarias.

“... os mitos e os ritos oferecem, como valor principal, ter preservado, até a nossa época, de uma forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e continuam sem dúvida) exatamente adaptados a descobertas de um certo tipo: as que a natureza autorizava, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível.”(LÉVI-STRAUSS, 1970:37)

A Festa de São Pedro é parte deste mundo sensível dos pescadores, que buscam sua reprodução através de valores que vão além de números de produção, fazem parte do imaginário construtor desses homens.

Festa, um ritual que se repete desde 1937



Andor de São Pedro na Colônia

Todo culto tem formas de ritual organizado, sendo as três principais: a Oração; a Oferenda, sacrifícios e festas; Gestos corporais e outras atividades. Estas formas podem estar todas combinadas em algumas cerimônias religiosas.⁵¹

Na Festa de São Pedro no ano de 2004, pudemos perceber a combinação de algumas destas formas de ritual, a Oração, a Festa e Gestos Corporais.

Na Festa está presente a identidade de pescador e seu saber enquanto construtores de uma tradição que se evidencia no cantar, dançar, cultuar o santo padroeiro, nos fogos, enfim a festa é uma tradição, é parte da identidade de pescador que se reproduz a partir de um saber singular.

⁵¹ Ver **Guia Prático de Antropologia**, p. 235

*A oração supõe a existência de algum ser sobrenatural.*⁵² É uma invocação oral, a Ave Maria repetida pelos oficiantes, no caso os pescadores e adeptos do culto, em momento e lugar determinado. A festa foi acompanhada de música e muitos fogos durante todo o percurso da procissão. Foi organizada pelo presidente e o encarregado da colônia juntamente com outros pescadores e políticos e seus representantes.

A festa de São Pedro, ou a busca de São Pedro é um dos momentos em que a tradição dos pescadores se mostra viva. Ela envolve uma procissão marítima (Buscada) e outra terrestre.

Na busca, os barcos são preparados (pintados), para saírem juntos no dia do Santo. Um dos barcos leva o altar com a imagem do santo protetor dos pescadores, São Pedro. O cortejo sai da praia em frente a colônia e, se a maré estiver cheia, vai até a praia de Rio Doce⁵³ e volta.

O altar é preparado pela colônia, assim como a organização da festa, que contou com a participação de um grupo de Amaro Branco,⁵⁴ tocando Cocos de roda, Cocos com referência a vida de pescador. Muita bebida e comida.

A festa contou com a colaboração financeira de políticos, candidatos a prefeito e vereador do município de Olinda. Em verdade não se pode saber até que ponto esta colaboração se transformará em uma resposta de apoio aos mesmos nas próximas eleições.

⁵² Idem.

⁵³ Praia próxima a praia do Carmo onde está localizada a Colônia.

⁵⁴ Pessoas conhecidas do local da antiga sede da colônia no bairro de Amaro Branco.



A foto mostra a camisa com o nome do candidato a prefeito.

Este comentário se deve ao fato de que em outro momento um pescador dissera que era sempre assim em época de eleição: os políticos, principalmente os candidatos a vereador, aparecem para angariar os votos.

“...ah esse aí é político, candidato a vereador, sabe como é, em época de eleição eles sempre aparecem por aqui...”

Outro pescador diz:

“... tava em cima das eleições aí eles tem interesse, agora veja não aparece mais nenhum por aqui, não tem mais nenhum prá fazer nada, prá mostrar nada.”

O modo como este se referira ao acontecimento, mostrava o quanto os mesmos já estavam saturados, acostumados com as promessas, sem um retorno efetivo. Evidenciando o jogo de interesses envolvidos entre políticos e pescadores.

A religiosidade dos pescadores do Carmo é predominantemente, voltada para a religião católica, apesar de já existirem alguns que estão freqüentando atualmente igrejas protestantes. Sobre isto seu Tonho (pescador) diz:

“ eu vejo mais a turma aqui como católico, principalmente eu, nunca ouvi falar em Iemanjá, Xangô, agente sempre respeita, eu sei que todos eles aqui é mais católico, é a procissão, não vejo falar nada de espiritismo.”

Normalmente há a busca marítima, uma procissão em alto mar, com os barcos, e a festa com a procissão terrestre. Contudo neste ano de 2004, excepcionalmente, não houve

a busca marítima devido as fortes chuvas que ocorreram na semana da sua realização da festa.

A festa iniciou por volta das três horas da tarde com bebida e comida para pescadores, familiares e conhecidos. Primeiro foi acompanhada por músicas tocadas em CD cirandas e cocos, depois chegou um Coquista e seus acompanhantes (instrumentistas), que por vezes, foram substituídos por pescadores que subiam ao palco para tocar algum instrumento.

O coquista e pescador Deto, convidou uma senhora, a antiga coquista Dona Margarida conhecida e reconhecida pelos pescadores e pelo coquista que estava cantando. Pediu-lhe que cantasse alguns cocos, esta cantou vários que falavam de pescador, pescarias, enfim do imaginário da pesca. Foi muito aplaudida pelo público do local.

Este ano o presidente da colônia cedeu a vez para que as mulheres (marisqueiras associadas) começassem levando o andor. Durante o percurso elas foram várias vezes substituídas por pescadores, e estes por outros, pois todos queriam carregar o andor em algum momento, sobretudo os mais antigos.



Pescadores locais carregando o andor do Santo protetor, São Pedro.



Saída do andor com as mulheres (marisqueiras).

Por todo o percurso Dona Margarida, antiga cantadora de coco conhecida pelos pescadores a muito tempo, gente da tradição, foi no carro de som fazendo orações e cantando para Nossa Senhora (Ave Maria).

Durante a procissão os pescadores soltavam fogos, que estouravam no céu numa mistura de barulho, luzes e cores; somados a orações e canções. A festa também se atualiza, ganhando e perdendo características, porém sempre resistindo.

Desde o começo da festa homens, mulheres e crianças ficavam em frente ao palco montado, dançando. Formaram um círculo, dançavam ciranda de mãos dadas ou coco, enfim todos participavam.

Uns bebiam todo o tempo, outros reclamavam a demora para sair a procissão, outros estavam comendo. O fato é que, se divertiam e estavam felizes com a festa, e por estarem comemorando mais uma vez o dia do Santo Protetor dos Pescadores, São Pedro.

Depois do percurso terminado voltaram para a colônia e a festa continuou. Uma grande fogueira foi acesa, aproveitando o cessar da chuva.

Naquele momento estavam repetindo um mito antigo, agradecendo e homenageando o santo padroeiro, São Pedro



Vemos as mulheres e os homens dançando coco de roda durante a Festa.

Tradição e Modernidade

“ *Todo fazer é conhecer e todo conhecer é fazer*” (MATURANA E VARELA, 1995:70). A partir desta frase refletimos sobre o movimento circular que se desenvolve entre a ação, a experiência, a tradição, num movimento contínuo, que se retroalimenta .

É este movimento contínuo que não podemos esquecer quando buscamos compreender nossos interlocutores, quando buscamos compreender o seu espaço social.

Até o movimento da procissão é circular: no percurso eles saem, circulam o espaço e voltam ao ponto de partida, como ponto de chegada, e de futura partida. Assim também acontece com os barcos, partem dali mar a dentro e retornam. A circularidade é característica do mito (ELIADE, 1993).

O espaço da pesca é um espaço que se retroalimenta de saídas e chegadas, de idas e vindas, num movimento constante, contudo existe ali um lugar, um espaço de referência, um ponto, que contextualiza este movimento, que dá significado a este circular. Este ponto é a colônia.

Parte-se dela ou da praia em frente a ela, e volta-se sempre para o mesmo ponto de partida.

O mito também se materializa através da dança circular (DURAND, 2001), o que remete ao que existe de mais profundo na vida social de um grupo: ao seu imaginário, a sua existência, crenças, saberes, espíritos.

Como propõe Godelier (2001), na sociedade global em que vivemos hoje, as novas solidariedades são negociadas com base no contrato, contudo há coisas que envolvem laços entre os indivíduos, suas relações sociais e íntimas, que não podem ser negociadas da mesma forma. São estas “coisas” que não se dão e nem se vendem que criam a sociedade e faz com ela se reproduza.

“O simbólico é o domínio mais controverso que qualquer outro, por exemplo mais do que o parentesco, pois podemos ver aí ora o reflexo ilusório dos delírios que mascaram as realidades fundamentais ora, ao contrário, o que há de mais profundo e de mais especificamente humano na sociedade.” (LABURTHE-TOLRA, e WARNIER, 1999: 192/193).

É importante destacarmos que a Festa de São de Pedro é um ritual religioso e profano, há todo um respeito e preocupação em reverenciar o Santo, na procissão, mas este

espaço sagrado também está repleto de bebidas, e muita bebida. Os pescadores bebem e se divertem bastante.

É um momento em que o espaço, mais uma vez é embebido pelo pensamento mítico-mágico-simbólico e, ao mesmo tempo, pelo empírico-lógico-racional (MORIN, s./d.). A festa é conjunta, o simbólico, a referência ao santo protetor dos pescadores, as danças em sinal de festejo, todavia não nos esqueçamos do patrocínio dos políticos e de seu interesse em angariar votos para futura eleições, do envolvimento do presidente com os mesmos visando também a obtenção de melhorias (mesmo que sejam apenas para a realização da festa) para os pescadores, ou para o funcionamento da colônia.

“Enquanto o pensamento estritamente simbólico decifra símbolos (os astros, os tarots...), o pensamento mitológico tece conjuntamente simbólico, imaginário e eventualmente real.” (MORIN, 1995:149)

O princípio da recursividade (MORIN,1995) também perpassa a festa. Ele é expresso na Festa através do movimento circular da dança e da procissão. Há, portanto, uma quebra da linearidade e a consequente ressignificação do ritual, reiterando que são características de todo e qualquer grupo sócio-cultural.

Um exemplo de mudança se revela no fato das mulheres marisqueiras , terem levado o andor do Santo demonstrando uma maior representatividade e reconhecimento destas mulheres ao longo do tempo

A presença de políticos na festa, patrocinando e participando também da própria organização, é fato que não ocorreu sempre, foi sendo inserido, e especialmente este ano devido as eleições.

“compreendemos hoje ... que o símbolo, o mito e o imaginário pertencem à substância da vida espiritual, que eles se podem camuflar, mutilar, degradar, mas jamais se podem extirpar” (ELIADE, In. MORIN, 1995:163)

Esta citação me remete ao significado e a mensagem desta dissertação. Ou seja, , pensando por meio de uma analogia ressalto – baseada nas idéias de Balandier - que o

mercado global pode *camuflar, mutilar, degradar* a pesca, *mas jamais se pode extirpar* o saber do pescador, seu conhecimento continua se reproduzindo, mesmo sem barcos próprios, sem uma colônia representativa, mesmo o pescador convivendo com um mercado que visa e valoriza cada vez mais o lucro.

Hoje, a compreensão do contexto em que se está inserido, é essencial para que se sobreviva. Através do seu saber, o pescador consegue se reproduzir, e resistir as tensões vividas num mundo globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ser pescador é muito bom, porque é uma aventura, vai mar a fora passa dias, é muito bom, olhe é uma coisa que todo mundo gosta né, se não o povo não vinha pescar de varinha, quer dizer, todo mundo gosta da pescaria, tem gente aqui mais antigo do que eu, que não saiu nem pretende sair daqui, vai morrer aqui, é coisa de pai pra filho já, tem muito pescador aqui que é de pai pra filho.”

(Seu Tonho, pescador, há mais de 23 anos)

A pesca é isto, é prazer, é liberdade, é uma prática tradicional que se renova. No Carmo encontrei pescadores tradicionais que tiram seu sustento desta atividade já a muitas gerações. Integram uma população que preserva e atualiza valores, crenças e tradições, resistindo as pressões da sociedade industrial.

Esta população teima em seguir criando estratégias de preservação, em meio a uma desvalorização do tradicional, do saber popular, que vivenciamos hoje. Com estes pescadores pude aprender, fui surpreendida com valores que pensei estivessem se perdendo, como confiança, solidariedade, respeito pelo outro, tolerância e relações que se motivam pela amizade, antes que pelos benefícios financeiros que podem vir a gerar.

Por diversas vezes, através dos depoimentos percebi que estas pessoas não se moviam por interesses econômicos, não são escravas de ter que produzir mais, do lucro. São antes de tudo livres, e é este sentimento que as domina, que as move.

A citação com a qual iniciei estas considerações pode nos dá uma idéia de como os pescadores se sentem realizados com a sua atividade. Ela reúne em si magia, perigo, incerteza, aventura, paz, enfim um turbilhão de sensações que vivifica estes homens do mar.

O pescador é um homem conhecedor, corajoso, seguro do que faz, pois é parte e todo de um espaço que se mostra a todo instante natural e cultural, real e imaginário. Espaço onde aprende e ensina, onde é criador e leitor, natureza e cultura nunca estiveram tão imbricadas.

Mesmo não reconhecendo a importância desta população, ou então, desejando colocá-los em uma situação de *sombra* na sociedade, penso que – ainda assim - é impossível não vê-los, não respeitá-los.

Apesar das políticas públicas municipais pouco ou nada estarem fazendo para melhoria desta população ela continua forte, persistente, e feliz com sua atividade.

Os pescadores são orgulhosos e possuidores de um saber singular que os torna únicos, e que é responsável pela sua reprodução e resistência. Um saber que lhes pertence e que só é passado de pai para filho ou para amigos, de modo a preservar esta atividade tradicional.

Além deste saber, e do sentimento de liberdade, o pescador é companheiro, solidário, conforme depoimento abaixo:

“Aqui é mesmo uma família, ninguém, quer ver a desgraça de ninguém, se um ver o outro aperreado procura ajudar, até o ponto de ver que a pessoa tá querendo ser ajudado e tomar conta da vida dele...”

Contudo ocorrem conflitos e competição, como em qualquer outro grupo. Mas o que predomina entre esses pescadores é a união, a solidariedade e o companheirismo.

As imagens que irrompem desse espaço revelam, sonhos, valores, sentimentos, uma perspectiva da pesca e de pescadores, para além do individualismo, tão característico dos dias atuais.

Essa forma de inserção no mundo nos ensina a todos que nós – seres humanos - somos mais que volumes, quantidades, números, somos antes, desejo e religião eterna com o Outro e com o Planeta.

A proposta de apresentar a identidade do pescador pelo pescador, feita através da letra do coco, proporcionou uma análise de como eles realmente se vêem e se sentem enquanto tais.

Como estes homens do mar se autodefinem, trabalhadores livres, aventureiros que buscam a satisfação de suas necessidades e que se realizam na atividade da pesca.

Estamos diante de uma população que reproduz um modo de vida tradicional apesar do pouco incentivo e reconhecimento por parte da sociedade urbano-industrial. Eles se reconhecem e auto-identificam como pescadores, trabalhadores tradicionais e portadores de um saber singular.

Palavras como solidariedade, companheirismo, competitividade, dialogam umas com as outras num movimento complementar. De modo a reproduzir um modo de ser e viver específico, que se atualiza e se redefine através de um saber de pescador

Este saber é responsável pela reprodução desta população, um saber que se reconstrói unindo tradição e modernidade; natureza e cultura.

O sentimento de liberdade, juntamente com este saber é a base que faz com que estes pescadores permaneçam em nossa sociedade, sem abdicar de seus valores e crenças, revelados através de suas práticas tradicionais.

Um exemplo disto é a Festa de São Pedro, festa da tradição dos pescadores do Carmo, que com muita vontade e satisfação é realizada há mais de 60 anos.

Os pescadores festejam as boas pescarias e pedem proteção ao Santo padroeiro, o qual é homenageado com fogos, fogueira, canções (cocos), por terra e mar, quando possível.

Esta festa mostra como os valores da tradição são preservados e atualizados, na vida, nas imagens, na dimensão real e imaginária desta população.

Através do coco percebi como os pescadores se autodefinem: trabalhador liberto, produtor e reproduzidor de um saber que une, antes que fragmenta.

O universo da pesca do Carmo se apresenta na festa através de imagens, gestos, danças e da procissão. Num movimento circular, partida-caminhada-retorno, que se retroalimenta.

Através destes pescadores, pude sentir que temos muito que aprender e reaprender com estas populações tradicionais, devemos buscar os valores que nos remetam à uma ética fraternária da solidariedade.

Por fim ressalto os múltiplos significados dos ventos, da tempestade, do mar-mãe, que alimenta os corações, o ser, a vida e a alma dos pescadores e de todos aqueles que navegam nas ondas e correntezas do mar infinito. Afinal como afirma o verso de Paulinho da Viola, “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston (2000). **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2002). **A Água e os Sonhos**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1991). **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo: Martins Fontes.
- BALANDIER, Georges. (1999). **O Dédalo. Para finalizar o século XX**. São Paulo: Bertrand Brasil.
- _____ (1997) **O Contorno: Poder e Modernidade**. São Paulo: Bertrand Brasil.
- BÍBLIA (1999). Português. **Bíblia Sagrada**. 126. ed. Trad. de Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave Maria.
- BOSI, Ecléa. (1994). **Memória e Sociedade – Lembrança dos Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.
- BULFINCH, Thomas (2000). **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- CARVALHO, Edgard de Assis (2003). **O Enigma da Cultura**. São Paulo: Cortez
- CEPENE/ IBAMA(2003). **Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil – 2002**. Tamandaré.
- COMISSÃO DO REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA (s./d.). **Guia Prático De Antropologia**. São Paulo: Cultrix.
- COMPANHIA PERNAMBUCANA DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS (CPRH). **Diagnóstico Sócio Ambiental Litoral Norte**. 2000

CPRH - Companhia Pernambucana de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (1999). **Diagnóstico Sócio-Ambiental e Zoneamento Ecológico Econômico Costeiro - ZEEC Litoral Sul de Pernambuco**. Recife.

CPRH - Companhia Pernambucana de Meio Ambiente e Recursos Hídricos; GERCO/PE - Gerenciamento Costeiro (1998). **Diagnóstico Sócio-Ambiental APA de Guadalupe litoral sul de Pernambuco**. Recife.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.) (2000). **A Imagem das Águas**. São Paulo: Hucitec.

_____ (1998). **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec.

_____ (1983). **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática. (Ensaio 94)

_____ (1995). **Povos e Mares: Leituras em Sócio-Antropologia Marítima**. São Paulo: NUPAUB-USP.

DURAND, Gilbert (2001). **O Imaginário – Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL.

_____ (1989). **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. Lisboa: Editorial Presença.

ELIADE, M. (1993). *Morfologia e Função dos Mitos* In: **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes.

GODELIER, Maurice (2001). **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GUIMARÃES, Conceição de Maria Barbosa. (2001). **Pesca e Turismo em Tamandaré: uma disputa por espaços**. Recife.

- HOGAN, Daniel; VIEIRA, Paulo Freire (Orgs.) (1995). **Dilemas Socioambientais e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas: UNICAMP.
- IANNI, Octávio (1998). *As Ciências Sociais na época da Globalização*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS vol.13 (37): 33-41.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1996; 2000). **Censo Demográfico Pernambuco, 1996 e 2000**.
- LABURTHE-TOLRA, Philippe e WARNIER, Jean Pierre (1999). **Etnologia, Antropologia**. Petrópolis: Vozes.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1970). **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Companhia Editora Nacional – USP.
- _____ A Eficácia Simbólica In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- LOUREIRO, Violeta R. (1984). **Os Parceiros do Mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia**. Belém, CNPq/Museu Paraense Emílio Goeldi.
- MALDONADO, Simone Carneiro (1994). **Mestres e Mares: Espaço e Indivisão na Pesca Marítima**. São Paulo: ANNABLUME.
- _____ (1986). **Pescadores do Mar**. São Paulo: Ática.
- MASSEY, Doreen (2000). **Um sentido global do lugar**. IN: ARANTES, Antônio A.(org.). *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papirus.
- MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco (1995). *Capítulo I Conhecendo o Conhecer; Capítulo X: A Árvore do Conhecimento* In: **A Árvore do Conhecimento – As Bases Biológicas do Entendimento Humano**. São Paulo: Psy II. (p. 59-72; 257-266)
- MORAIS, Régis de (Org.) (1988). **As Razões do Mito**. Campinas: Papirus.

MORIN, Edgar (s/d). *O Duplo Pensamento (Mythos-Logos)* In: **O Método III – O Conhecimento do Conhecimento**. Lisboa: Europa-América. (p.146-165).

_____ (2003). **O X da Questão: o sujeito a flor da pele**. Porto Alegre: Artmed.

MUSSOLINI, Gioconda. *Aspectos da cultura e da vida social no litoral brasileiro*. In: SHADEN, Egon (org.) (1972). **Homem, Cultura e Sociedade**. Petrópolis: Vozes.

NASCIMENTO, Ivete (1995). *Tempo de Natureza e Tempo de Relógio: Tradição e Mudança em uma comunidade Pesqueira*. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Antropologia**. 11(1): 5-18.

ORTIZ, Renato (1994). *Cultura, Modernidade e Identidades*, IN: Sacarlato *et. al.* **Globalização e Espaço Latino-Americano**, São Paulo: Hucitec-ANPUR, 20-27.

PRIGOGINE, Ylia (2001). *Carta para as Futuras Gerações; Ciência, Razão e Paixão* In: **Ciência, Razão e Paixão**. Org de Edgard de Assis Carvalho e Maria da Conceição de Almeida. Belém: UDUEPA. (p.13-20; 87-101).

PROJETO DE CONSERVAÇÃO E UTILIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA BRASILEIRA, Comissão Coordenadora do Programa Nacional da Diversidade Biológica (PRONABIO), Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e da Amazônia Legal (MMA). s./d.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto (2002). **“Ah, Esse Povo do Mar!” Um Estudo sobre Trabalho e Pertencimento na Pesca Artesanal Pernambucana**. Recife.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri (1999) **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec.

SÁ, Maria Auxiliadora Ferraz de (1999; 2000). **Pescadores e coletores em ambiente estuarino do litoral sul de Pernambuco: modos de vida e representação de mundo**. Projeto de Tese Doutorado PPGS - UFPE. (reprodução)

TUAN, YI-FU (1983). **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL.

UFPE (Depto. Oceanografia) (1997). **Iniciativa de Manejo Integrado para o Sistema Recifal Costeiro entre Tamandaré – PE e Paripueira – AL (Projeto Recifes Costeiros)**. Recife.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel (1998). **O “lugar” dos rurais; estudo sobre a ruralidade no Brasil moderno**. Projeto de Pesquisa. Campinas. (reprodução)

WOORTMANN, Ellen (1992). *Da Complementaridade à Dependência*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 18 (7):41-61.

YAZIGI, Eduardo, CARLOS; Ana F. A., DA CRUZ; Rita de Cássia A. (Orgs.) (1996). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec.

GLOSSÁRIO

Embarcações

Denominação	Tipo	Descrição
Bateira	BAV	Embarcação movida a vela, não possui casaria, com convés fechado. Existem algumas bateiras que não têm convés, sendo semelhantes às canoas. Possui quilha, entretanto o formato diferencia-se do bote a vela. Seu comprimento não ultrapassa 6 metros.
Bote a remo	BRE	Embarcação movida a remo, com casco chato, de pequeno porte, conhecida também como catraia, bateira, paguele a remo etc.
Bote a vela	BOC	Embarcação movida a vela, com casco de madeira e quilha, convés fechado, sem casaria (cabine), com comprimento geralmente inferior a 11 metros, conhecida também como bote a vela, barco a vela, bateira, bastardo etc.
Bote motorizado	BOM	Embarcação movida a motor, com casco de madeira ou fibra, com quilha, convés fechado, sem casaria (cabine) e geralmente menor do que 10m, conhecida também como janga.
Canoa	CAN	Embarcação movida a remo ou a vela, sem convés, confeccionada em madeira (jaqueira ou marmeleiro) de fundo chato ou não, com comprimento variando entre 3 e 9 metros e vulgarmente conhecida como bateira, caíco, curicaca, igaritó, biana, patacho, canoa do casco, batelão, iolo etc.
Celeira	NID	Embarcações recolhedoras de pescado
Jangada	JAN	Embarcação movida a remo, vara ou a vela, com quilha, confeccionada de madeira, possui urna para acondicionar o material de pesca

Denominação	Tipo	Descrição
Lancha	LAN ou BMO	Embarcação motorizada, com casco de madeira, comprimento abaixo de 15 metros, com casaria (cabine) no convés, podendo ser na popa ou na proa, conhecida vulgarmente como barco a motor, saveiro do convés, janga, barco motorizado etc. Pode ser classificada em pequena, média e grande.
Lancha Industrial	LIN	Embarcação motorizada, com casco de ferro, geralmente maior que 15 metros, com casaria (cabine) no convés, podendo ser na popa ou na proa, também conhecida como barco industrial, barco do ferro etc. Pode ser classificada como pequena, média e grande.
Paquete	PQT	Embarcação movida a vela, com casco de isopor revestido de madeira, sem quilha, também conhecida como: jangada, catraia etc

4.2. Aparelhos de pesca

Denominação	Descrição
Arpão	Pesca de mergulho executada com uso ou não do suprimento de oxigênio. Geralmente é exercida com apoio de barco, nas áreas em que ocorre maior adensamento de peixes. Na captura é dada preferência ao pescado de maior porte, sendo usado como utensílio básico o arpão; eventualmente há captura de lagostas.
Armadilha fixa	Denominação adotada para as "camboas" de panagens ou esteiras, que são colocadas nas enseadas dos manguezais quando nas marés altas, presas em estaca fincadas na lama. Quando nas premares, com vazamento das águas, grande diversidade de pescado fica retida nas redes ou esteiras ou nas suas proximidades.
Arrastão peixe	Rede de superfície que trabalha efetuando a captura (à deriva) à proporção que é arrastada pela corrente marinha. Conhecida também como boladeira, é muito usada na pesca de cavala, serra, bonito e outros.

Continuação - Aparelho de Pesca

Denominação	Descrição
Arrastão de praia	Rede de arrasto traçada com as mãos, utilizada em praias, margens de canais e enseadas. Normalmente é levada a locais próximos da costa, através de botes a remo ou paqueta, onde é solta na água, de modo que os dois cabos ficam em terra para serem arrastados pelos pescadores. É uma rede de aproximadamente 150 a 200m de comprimento, por 3 de altura, confeccionada com nylon mono ou multifilamento, também conhecida como tresmalho.
Arrasto	Rede de arrasto de fundo "trawl net" destinada à captura de camarão. A abertura deste aparelho de pesca é realizada por duas portas, auxiliado por um tangone de aproximadamente 8m de comprimento, localizado sobre o convés da embarcação. Dependendo das condições e da potência da embarcação, pode arrastar uma rede (arrasto simples), duas (arrasto duplo) e quatro (arrasto gêmeos).
Caçola de pilombeta	É uma rede de emalhar com comprimento variando entre 100 a 300m e altura de 1,5m. Seu uso é dirigido à captura da pilombeta (manjuba), nas proximidades do rio São Francisco, sendo empregada à deriva na superfície ou meia água, conforme a transparência da água.
Caçocira	Rede de espera de fundo utilizada na captura de lagostas, utilizada tanto por embarcações motorizadas como veleiras. As embarcações motorizadas utilizam redes confeccionadas com nylon multifilamento 210/12 ou 210/18, com 13-15 malhas de altura, medindo cada malha estirada 130mm. O equilíbrio é conseguido através de 35 bóias de 21g de flutuação, na tralha superior e, aproximadamente, 3,0kg de chumbo na tralha inferior. Em cada rede são colocados cinco caides (pedaço de madeira de 1,20m de comprimento por 30mm de diâmetro) que são fixados na tralha inferior e superior da rede. As embarcações a vela realizam pescarias de "ir o vir", empregam de 10 a 20 redes de 50m cada, confeccionada de nylon monofilamento de 0,3 a 0,5 mm de diâmetro, também conhecida como rede de espera para lagostas, rede do lagosta.
Coleta manual	Pescarias que dispensam o uso dos petrechos de pesca tradicionais. Para tanto são utilizadas ferramentas tais como foico, estilete, varão, físgas etc. Conhecida também como operação manual.

Denominação	Descrição
Coleta caranguejo	É o método usado na captura do caranguejo-licá, que consiste no fechamento das tocas com lama do próprio mangue, impedindo a fuga do animal, usando-se então a mão como instrumento para a retirada do caranguejo da toca.
Coleta sururu	Método empregado para extração do sururu do fundo dos rios. Para facilitar a coleta, usa-se enxada ou gancho para afrouxar a lama ou areia onde se encontra o sururu.
Covo camarão	Armadilha de fundo, semi-fixa, utilizada na captura de camarão. Tem o formato cilíndrico, com estrutura de palheta rígida, possuindo uma sanga na extremidade maior.
Cangalha	Armadilha de fundo, semi-fixa, utilizada nas pescarias de lagosta, de formato retangular, revestida de nylon, possui duas entradas conhecidas como "sargas".
Compressor	Pescarias realizadas com o auxílio de compressor adaptado ao motor da embarcação, nas quais dois pescadores descem ao fundo do mar para localização de lagostas ou peixes e sua captura através do emprego de bicheiro, espingarda de pressão, arpão, ar-baleta, tarrafa ou mangoto (lagostas). Vulgarmente conhecida como pesca de compressor ou pesca de mergulho.
Puçá/Couca	Rede de nylon em forma de cone ou saco, presa a uma armação fixa circular, em madeira ou metal, possuindo uma haste (cabo) pelo qual é manuseado o petrecho., sendo que durante o processo de coleta da captura, sua boca fica voltada para cima. A pescaria é realizada durante a noite, preferencialmente no escuro. Um lâmpião a gás, localizado na proa da embarcação é acionado e, posteriormente, o peixe é atraído pela luz e capturado.
Covo peixe	Armadilha de fundo, semi-fixa, utilizada na captura de peixes, de formato hexagonal, revestida com palheta tipo cana brava, tola de arame ou nylon, possui uma ou duas entradas (sargas), também conhecida como manzuá peixe.
Curral	Armadilha fixa construída em geral por estaqueamento, com o objetivo de reter peixes no seu interior, vulgarmente conhecida como armadilha fixa, curral de pesca, zangaria, camboa, tapagem.

Denominação	Descrição
Espindel	Pescaria que consiste na utilização de várias linhas com anzol, amarradas espaçadamente por deslizoadores o uma linha mestra, na qual, horizontalmente esticada, se fixam duas bóias em suas extremidades ou verticalmente com uma bóia e uma chumbada em uma das extremidades. Conhecido também como, espindel fixo, "long line", espindel de fundo, espindel de superfície, espindel flutuante, pargueira e grosseira.
Jererê	Rede com abertura fixada em armação redonda ou semi-círculo de madeira ou ferro, tem o formato de cone ou saco, cuja boca é voltada para cima. Possui uma haste por onde é manuseado o petrecho. Conhecida também como puçá.
Linhas	Todas as pescarias com linhas de fundo ou de superfície, com comprimento variável em função da profundidade e das espécies a serem capturadas. O nylon utilizado é do tipo monofilamento, com espessura variando de 0,3 a 2,0mm, possuindo um ou mais anzóis na extremidade da linha. Os anzóis utilizados nesta modalidade de pesca variam do número 622, para captura de pequenos peixes, até 610, para captura de grandes peixes. Engloba os petrechos conhecidos como linha de corso, linha de mão, linha de fundo, linha de superfície etc.
Malhão	Rede onde o peixe é emalhado ou enredado na panagem, conhecida vulgarmente como rede de emalhar. Essa rede captura várias espécies de maior porte como caçõs, agulhões de vela, dourado etc.
Mangote	Redes de arrasto com comprimento em torno de 180m, geralmente utilizadas na praia, canais e enseadas, puxadas por 01 (um) ou 02 (dois) homens. Vulgarmente conhecidas como: recinha, andarinho e pesca de calão, capturam espécies como bagre, saúna, camarão, manjuba e outros peixes pequenos. Em alguns Estados é utilizada também na pesca de lagosta com mergulho, mas neste caso apresenta menores dimensões.

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.

ANEXOS

ANEXO 01

Produção de pescado marítimo e estuarino do Estado de Pernambuco, por município e mês no ano de 2002

Município	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Colares	57,0	60,5	63,8	66,6	116,1	120,4	88,1	72,0	75,2	76,5	96,7	85,3	958,4
Benedito	22,8	30,2	22,6	32,4	22,3	20,6	36,2	35,5	57,9	52,2	54,5	60,2	479,5
Beberibe	122,5	136,2	127,0	122,3	163,6	155,8	127,5	132,5	160,5	138,5	142,5	124,6	1.785,4
Itambé	6,7	3,6	5,6	3,0	3,6	9,3	8,5	6,9	8,4	6,7	3,5	7,5	68,5
Salgueiro	0,2	9,5	14,5	17,3	13,5	20,5	17,5	7,1	12,8	22,3	14,4	13,5	137,5
Grande	30,2	30,6	33,6	33,5	30,7	41,5	47,0	46,3	38,7	46,2	35,1	25,1	435,1
Fátima	27,8	28,7	22,2	23,4	29,6	31,4	31,6	30,5	33,7	53,9	36,9	35,6	370,4
Lagoa dos Galinhos	8,4	10,6	17,5	12,3	10,1	4,5	11,5	1,9	0,7	9,6	6,5	3,1	120,5
Cabo	14,1	12,2	10,8	15,5	6,7	6,5	12,0	9,0	7,6	3,3	6,8	6,0	114,6
Ipouca	12,7	13,5	18,6	10,8	17,3	14,2	16,7	26,3	21,0	26,3	22,8	17,7	281,4
Sitinhaém	25,1	24,2	27,5	31,1	26,4	26,7	22,5	27,7	24,3	34,1	28,2	21,9	314,7
Rio Formoso	13,8	13,5	17,3	15,0	14,5	22,4	20,2	26,6	16,2	20,8	18,5	24,4	227,1
São José da Cruz Grande	38,2	57,1	42,9	28,5	37,4	33,0	37,1	43,2	36,2	45,1	35,7	43,2	432,4
Tamandaré	12,8	17,3	2,0	13,4	5,0	12,2	3,6	12,5	2,7	12,5	11,6	9,4	137,2
TOTAL	456,8	472,6	433,9	488,8	664,4	467,5	467,5	467,8	464,3	538,1	525,6	456,6	5.884,5
%	7,8	8,0	7,7	8,3	9,5	7,9	7,9	5,5	8,4	9,1	8,9	7,8	100,0

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.

ANEXO 02

Produção do pescado marítimo e estuarino do Estado de Pernambuco, por tipo de embarcação e município, no ano 2002

(toneladas)

Município	CAN	JAN	LAP	LAM	LAG	LIP	NID	TOTAL
Goiana	335,5	54,2	156,2	271,5	2,4	-	156,5	956,4
Itamaracá	58,6	64,2	40,2	766,8	-	-	-	112,5
Itapissuma	1.485,1	-	-	-	-	-	900,3	1.795,4
Igarassu	18,0	-	-	-	-	-	70,6	88,5
Paulista	-	45,0	64,7	71,0	-	-	-	181,3
Oliveira	77,6	60,0	230,8	151,0	-	-	-	459,4
Pedra	29,0	-	60,5	133,6	-	108,4	-	375,4
Jaboatão dos Guararapes	-	8,0	34,9	37,7	-	-	-	120,5
Cabo	-	26,1	30,7	43,6	-	-	-	114,5
Ipojuca	-	29,1	66,8	146,5	-	-	-	251,4
Sirinhaém	20,0	33,2	68,3	233,2	-	-	-	314,7
Rio Formoso	16,5	22,4	0,2	-	-	-	41,9	251,1
São José de Cinco Águas	2,5	153,1	21,0	220,2	7,1	-	57,7	462,4
Tamandaré	4,2	46,9	3,6	90,4	-	-	-	137,2
TOTAL	2.111,7	490,7	738,8	1.720,5	9,5	136,4	677,1	5.884,5
%	35,9	8,3	12,6	29,2	0,2	2,3	11,5	100,0

OBS.: NID - Pesca desembarcada.

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.

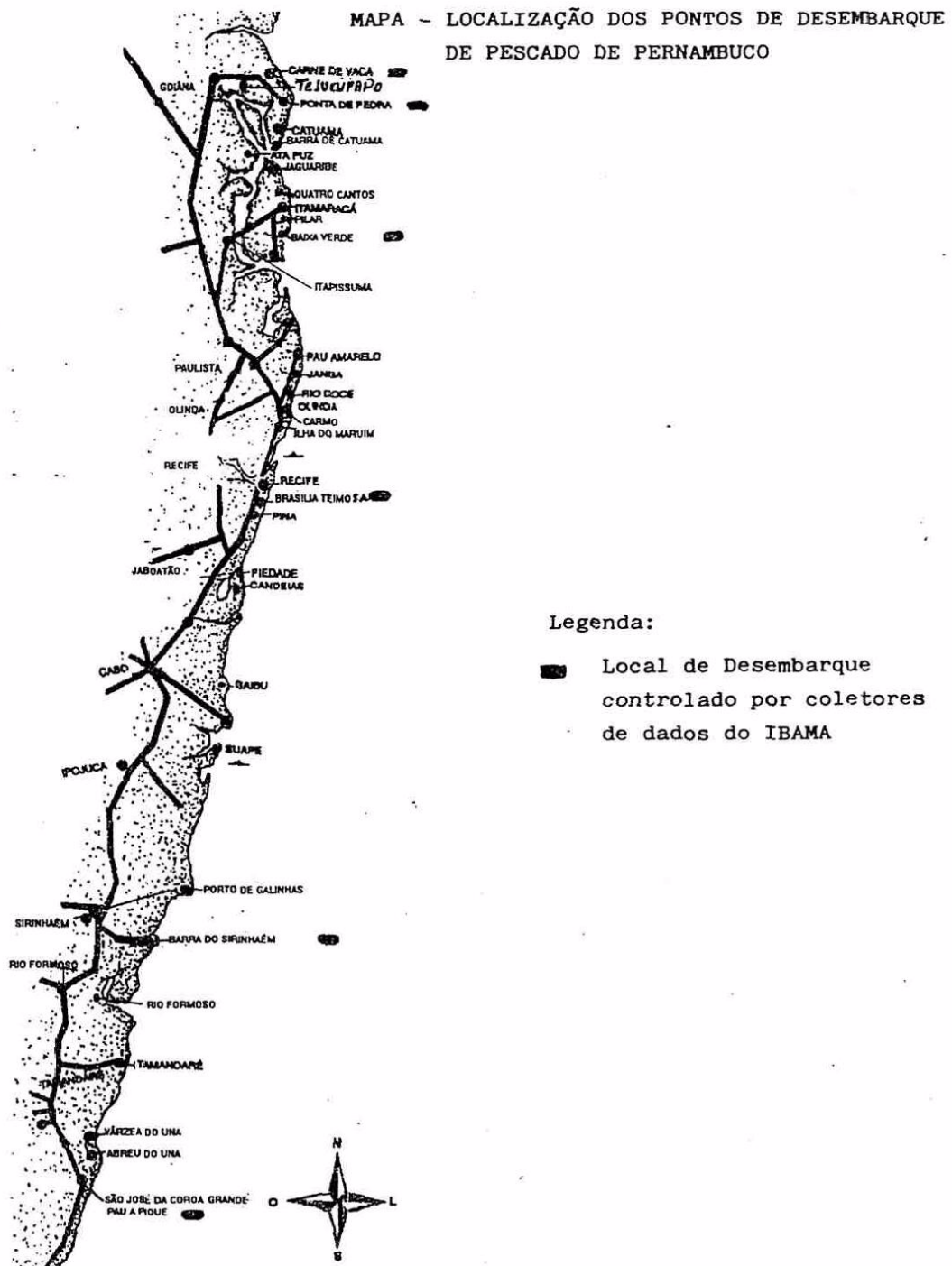
ANEXO 03

Produção de pescado marinho e estuarino no Estado de Pernambuco, por Município e aparelho de pesca no ano de 2002

CATEGORIA DE PESCA	Município																	TOTAL	%
	Goiana	Florianópolis	Ingissuama	Igarassu	Paulista	Ourinhos	Recife	Ilhéus dos Garapes	Colina	Itajua	Sitinhaém	Rio Formoso	San José da Coroa Grande	Tamandaré	100%				
Aparelho de praia	-	-	-	-	-	24	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	24	1,3	
Isqueiro	21	30	-	-	-	20	348	-	42	86	2,9	354	424	56	-	1414	24		
Castanhuela	-	-	-	-	-	-	0,3	-	-	44	44	-	46,7	-	-	91,4	0,5		
Castanhuela	1720	-	3139	205	-	-	1,3	-	1,1	-	164	147	427	42	-	2478	12,7		
Castanhuela	-	-	-	-	2,9	-	184	-	4,2	-	0,0	-	6,7	-	-	31,5	0,5		
Castanhuela	-	-	-	-	-	-	2,6	-	-	-	0,3	-	3,7	-	-	8,6	0,1		
Castanhuela	394,4	288,3	-	-	120,9	217,5	328	49	33,7	-	7,9	-	3,9	-	-	1.117,3	49,0		
Castanhuela	20,5	21,5	-	-	-	-	-	-	-	-	3,0	-	-	-	-	125,1	2,1		
Castanhuela	-	-	-	-	-	-	1,3	-	-	-	-	-	-	-	-	1,8	0,0		
Castanhuela	4,3	-	4,7	-	-	-	-	-	4,2	-	2,4	-	-	-	-	12,5	0,2		
Castanhuela	149	25,8	6,3	-	147	113,3	204,7	85,7	21,1	55,0	31,3	18,0	145,1	33,6	-	840,3	41,3		
Castanhuela	46,1	37	833,4	-	-	241	-	-	-	-	-	16,3	-	-	-	975,5	46,6		
Castanhuela	17,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17,3	0,3		
Castanhuela	2,2	0,1	-	-	-	-	7,2	3,7	1,4	-	-	-	-	-	-	14,6	0,2		
Castanhuela	6,5	4,3	-	-	-	-	5,0	-	-	1,3	1,2	-	-	6,3	20,1	2,3			
Castanhuela	-	4,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,1	0,1			
Castanhuela	-	11,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11,1	0,2			
Castanhuela	8,8	4,7	0,2	-	-	-	20,1	-	0,4	26,9	6,3	-	28,9	99,5	165,6	2,8			
Castanhuela	153,4	23,5	624,9	18,0	25,3	39,2	40,1	11,7	36,1	109,4	29,7	88,3	108,4	61,5	1.450,9	29,3			
Castanhuela	4,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4,9	0,1			
TOTAL	358,4	479,5	1.782,4	89,5	111,3	459,1	379,4	120,2	114,5	231,4	314,7	231,1	402,4	137,2	5.884,7	100,0			

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.

ANEXO 04



ANEXO 05

Distribuição da frota cadastrada do Estado de Pernambuco, por município no ano de 2002

Município	CAN	JAN	LAP	LAM	LAG	LIP	NID	TOTAL	%
Goiana	150	64	30	36	4	0	102	486	20,7
Itamborã	43	57	10	35	0	0	0	145	6,2
Itapissuma	192	0	0	0	0	0	154	346	14,7
Igarassu	19	0	0	0	0	0	24	43	1,8
Paulista	0	43	6	8	0	0	0	57	2,4
Olivaria	41	58	36	34	0	0	0	169	7,2
Recife	52	41	52	96	1	1	0	243	10,4
Lagoa dos Carangueiros	0	9	12	34	0	0	0	55	2,3
Cuba	0	28	9	11	0	0	0	48	2,0
Isolarua	0	28	12	20	0	0	0	60	2,6
Srinham	20	80	17	59	0	0	0	176	7,5
Rio Formoso	136	29	1	0	0	0	44	210	8,9
São José da Cruz Grande	6	112	6	72	4	0	30	230	9,8
Tamandara	8	51	5	17	0	0	0	75	3,4
TOTAL	767	600	194	422	9	1	354	2.347	100,0
%	32,7	25,6	8,3	18,0	0,4	0,0	15,1	100,0	

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.

ANEXO 06

Produção e valor total da produção desembarcada do Estado de Pernambuco, por município, no ano de 2002

Município	Produção estimada (t)	Valor total da produção (R\$)	%
Goiana	958,5	2.885.588,33	14,1
Itamaracá	419,5	1.140.400,33	6,0
Ilupissuma	1.788,4	2.922.617,54	15,3
Igarassu	89,5	203.100,05	1,1
Paulista	181,3	519.953,57	2,7
Olinda	459,1	1.404.502,19	7,4
Recife	379,4	2.510.662,45	13,1
Jaboatão dos Guararapes	120,5	569.728,03	3,1
Cabo	114,5	494.899,95	2,6
Ipojuca	281,4	942.900,05	4,9
Sinhão	914,7	1.735.205,19	9,1
Rio Formosa	291,1	610.124,50	3,2
São José da Coroa Grande	452,4	2.030.032,01	10,5
Tamandaré	137,2	507.638,09	2,7
TOTAL	5.884,5	19.097.369,14	100,0

FONTE: CEPENE/ IBAMA. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil –2002. Tamandaré, 2003.